



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS PRÓ-
REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO CENTRO DE EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS HUMANAS DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE
LITERATURA**

DEBORAH CRISTINA TRINDADE DOS REIS KASHIRAJIMA

**O FATO HISTÓRICO E A MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE
A MÁQUINA DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE**

SÃO CARLOS -SP 2024

DEBORAH CRISTINA TRINDADE DOS REIS KASHIRAJIMA

O FATO HISTÓRICO E A MEMÓRIA: UMA ANÁLISE DO ROMANCE A MÁQUINA
DE FAZER ESPANHÓIS, DE VALTER HUGO MÃE

Dissertação apresentada à Banca Examinadora do Programa de Pós- Graduação em Estudos de Literatura, como requisito obrigatório para obtenção do título de Mestre em Estudos de Literatura.

Linha de Pesquisa: Literatura, história, cultura e sociedade.

Orientadora: Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues.

São Carlos-SP 2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LITERATURA

Folha de aprovação

Assinatura dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Mestrado da candidata Deborah Cristina Trindade dos Reis Kashirajima, realizada em 04/09/2024.

Profa. Dra. Raquel Terezinha Rodrigues Universidade Federal de São Carlos

Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira Universidade Federal de São Carlos

Prof. Dr. Izaquiel Mateus Gomes
Instituto Federal do Amazonas.

À minha mãe, Terezinha Inês Kashirajima e ao meu filho Arthur. Em tudo o que faço, levo vocês em meu coração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de expressar minha profunda gratidão à Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), a Capes por apoiar financeiramente esta pesquisa e ao Programa de Pós- Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit). À minha orientadora Professora Doutora Raquel Terezinha Rodrigues, pela paciência, carinho e orientações. À Professora Doutora Carla Alexandra Ferreira, pelas aulas incríveis que sempre me cativaram, fazendo com que meu gosto pela literatura crescesse, inspirando-me a seguir à docência, e por todo o apoio durante o mestrado. Ao Professor Doutor Jorge Valentim, pela humanidade e respeito para com seus alunos, nos tratando sempre com muita empatia, e a todo o corpo docente do Departamento de Letras, muito obrigada.

À Deus por me guiar e minha mãe, Terezinha Inês Kashirajima, que sempre acreditou em mim, repetindo constantemente o quanto eu era capaz e demonstrando uma felicidade genuína diante das minhas conquistas. Você sempre foi, e sempre será, minha maior inspiração. Agradeço por ser minha mãe, minha melhor amiga, uma mulher forte, parceira e amiga. Os cuidados com meu filho Arthur enquanto eu estudava e viajava semanalmente para São Carlos para cursar as disciplinas do mestrado são inestimáveis. Esta realização pertence a nós! Muito obrigada por nunca me deixar desistir dos meus sonhos.

Ao meu filho Arthur, meu maior incentivo para nunca desistir de ser melhor do que sou. Eu te amo, você é tudo para mim, meu porto seguro. Nenhum termo poderia definir melhor o que você significa para mim. Aos meus irmãos, Samuel, Simone e minha sobrinha Millene, pelo cuidado e amor. Ao Rafael, por sempre escutar minhas angústias. Você me inspira, irmão. Estaremos sempre juntos, e sei que podemos contar um com o outro para sempre. À memória do meu querido pai japonês, Mateus Kashirajima, um homem bondoso e trabalhador que sorria

com os olhos e já não está mais entre nós. Dedico a ele esta conquista. Ao Noel, que acreditou em mim. Você sempre será meu amigo fiel.

Às minhas amigas da faculdade Rose, Valquíria e Sandra, vocês preenchem qualquer ambiente com alegria. Foram muitas conversas e encontros, e ainda continuamos nos falando e nos encontrando quando possível. À minha amiga Maria Helena, mesmo distantes fisicamente, você está sempre em meu coração.

“fui barbeiro, e li livros, como deviam ler todas as pessoas para ultrapassarem a condição pequenina do quotidiano e das rotinas.” [Valter Hugo Mãe, *A Máquina de Fazer Espanhóis.*]

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo entender como os estudos literários observam a narrativa, o fato histórico e a memória na obra *A Máquina de Fazer Espanhóis* (2010) de Valter Hugo Mãe. Para isso, a pesquisa se inclina a estudar a visão de Linda Hutcheon em torno do conceito de pós-modernidade, do fato histórico e da ficção, e realiza uma análise do personagem Silva, que rememora sua vida e os sentimentos relacionados às relações familiares e à reinterpretação de momentos históricos do país. Esse conceito pós-moderno traz o posicionamento narrativo, que é o discurso histórico por meio da memória. Reconhecendo que a memória coletiva implica na construção da história por uma classe dominante e de interesses, isso reflete uma tendência de que não existe um discurso da verdade, mas sim várias verdades. A partir da perspectiva de Márcio Seligmann (2022), a dissertação explora a relação entre o trauma do personagem na pós-modernidade e demonstra como é possível resgatar o passado a fim de revelar os mecanismos de manipulação da memória no contexto da pós-modernidade.

PALAVRAS-CHAVES: Fato histórico; Memória; Pós-modernidade; *A Máquina de Fazer Espanhóis*.

RESUMEN

La presente disertación tiene como objetivo comprender cómo los estudios literarios observan la narrativa, el hecho histórico y la memoria en la obra *La Máquina de hacer Españoles* (2010) de Valter Hugo Mãe, para ello nos inclinamos por estudiar la visión de Linda Hutcheon en torno al concepto de posmodernidad, realidad histórica y ficción, analizaremos al personaje Silva quien rememora su vida y sentimientos relacionados con las relaciones familiares y la reinterpretación de momentos históricos del país. Este concepto posmoderno trae consigo el posicionamiento narrativo, que es discurso histórico a través de la memoria. De igual modo hay que reconocer que la memoria colectiva implica la construcción de la historia por una clase dominante. Esto refleja una tendencia a que no haya un discurso de verdad, sino varias verdades. Y desde la perspectiva de Marcio Seligmann (2022), exploraremos la relación entre el trauma del personaje de la era posmoderna, demostrando cómo es posible rescatar el pasado para revelar los mecanismos de manipulación de la memoria en el contexto de la posmodernidad.

PALABRAS CLAVE: Hecho histórico; Memoria; Posmodernidad; *La máquina de hacer españoles*.

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1. VALTER HUGO MÃE: O AUTOR E SUA OBRA.....	14
1.1 Valter Hugo Mãe, artista português.....	14
1.2 A Máquina de Fazer Espanhóis - Recepção Crítica	17
1.3 Leitura e Releitura da obra A Máquina de fazer Espanhóis	24
CAPÍTULO 2. O PERSONAGEM SILVA: LUTO, MEMÓRIA E FICÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE.	27
2.1 O fato e a memória no contemporâneo.....	27
2.2 Sobre o Conceito de Memória	41
2.3 Sobre o Conceito de Identidade.....	45
CAPÍTULO 3 UM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA PELAS VIAS DA RASURA.	55
3.1 Silva num novo espaço: as memórias da Ditadura.....	55
3.2 O trauma vivido por Portugal.	61
3.3 O arquétipo português revisitado: As relações para além das ideologias.....	65
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	70

INTRODUÇÃO

*Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente,
somos habitados por uma memória.
José Saramago*

O presente trabalho propõe-se a analisar o romance *A Máquina de Fazer Espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, renomado escritor português contemporâneo. A investigação se fundamenta nas narrativas de eventos históricos e na memória, que continuam a desempenhar um papel central ao longo da análise, combinando a teoria com a narrativa ao longo do trabalho.

No Capítulo 1, apresenta-se a vida e obra do autor, contextualizando suas experiências pessoais, e também, serão tecidas críticas acerca do romance.

No Capítulo 2, apresenta-se uma introdução ao pós-modernismo e suas dinâmicas complexas, fornecendo insights sobre como as memórias emergem como componentes fundamentais desse processo, servindo como lentes através das quais as pessoas percebem seus passados e moldam suas narrativas pessoais. Além disso, analisamos como a transformação é uma característica intrínseca da identidade, representando um elemento dinâmico que pode ser impulsionado por uma variedade de influências, desde mudanças sociais até experiências pessoais significativas.

Ainda no Capítulo 2, realiza-se uma análise do personagem Silva. Sua primeira fala é uma reflexão que destaca a necessidade humana de ser percebido como bom, honesto e trabalhador, o que não os tornam tolos, mas sim com uma couraça resistente para enfrentar as dificuldades da vida. O tema: “A brancura é um estágio para a desintegração final” inicia-se com Silva descrevendo sua relação com a falecida esposa e a sensação de abandono e desespero que isso lhe causa. O texto se relaciona com a teoria pós-moderna de diversas maneiras.

O romance *A Máquina de Fazer Espanhóis* foi pensado em função da pós-modernidade. Por esse motivo, a fragmentação do sujeito, a memória e as vozes das margens serão os temas pesquisados neste capítulo. Na análise realizada, contemplaremos a pós-modernidade no texto, observando temas como a fragmentação do sujeito, a memória e a voz das margens “excêntricas”. Na fragmentação, o sujeito é caracterizado pela descentralização, onde a identidade é fluida e multifacetada. Os personagens da narrativa são sujeitos fragmentados, cada um com suas complexidades, traumas e desejos, refletindo a diversidade e a instabilidade da condição humana na contemporaneidade.

Na terceira parte, do Capítulo 2, aplica-se a teoria de Stuart Hall, que propõe que a identidade do sujeito contemporâneo na pós-modernidade é fragmentada e complexa. Hall

destaca a realidade plural na qual o conhecimento é construído por meio de conexões sinápticas realizadas pelo cérebro, permitindo a transformação das identidades pessoais enquanto sujeitos integrados.

Esta noção de identidade fragmentada em constante transformação pode ser observada no trecho citado, que descreve como o regime salazarista buscava suprimir a cidadania ativa e a expressão individual. Segundo o autor, “tudo era para que não praticássemos cidadania nenhuma e nos portássemos apenas como engrenagem de uma máquina a passar por cima dos nossos ombros, complexa e grande demais para lhe percebermos o início, o fim e o fato de cultivar a soberba de um só homem”.

Nesse contexto opressivo, as identidades individuais eram cerceadas e subjugadas a um sistema que visava transformar as pessoas em meros receptores passivos de uma "cidadania de abstenção", concedida "por título honorífico" pelo ditador. O autor reflete sobre sua própria submissão, descrevendo-se como "um mendigo de reconhecimento e paz", comparando-se a "um porco" diante da desumanização imposta pelo regime.

A experiência de ter sua identidade individual suprimida e fragmentada pelo autoritarismo contrasta com a concepção de Hall sobre a construção contínua e plural da identidade na pós-modernidade. Enquanto o regime salazarista buscava impor uma identidade coletiva homogênea e submissa, Hall destaca a importância de abraçar a complexidade e a transformação contínua das identidades pessoais.

Na obra, a memória dos personagens é explorada de forma não linear, revelando camadas de experiências passadas que influenciam suas ações e percepções no presente. A memória é apresentada como um elemento que molda a identidade dos personagens e os conecta com suas histórias pessoais.

Observa-se, na atualidade, um interesse crescente em dar voz às pessoas consideradas à margem da sociedade: os “excêntricos”, ou seja, aqueles que se situam fora do centro. Esse entendimento amplia nossa compreensão da diversidade humana. As vozes dos personagens oferecem uma visão alternativa da realidade, que desafia normas pré-estabelecidas. Ao analisar a obra sob a ótica da pós-modernidade, identificam-se esses temas adjacentes, e o texto proporciona uma representação expressiva da sociedade contemporânea.

No capítulo 3, será explorada a relação entre o arquétipo português revisitado e as perspectivas apresentadas por Márcio Seligmann em sua obra *A Virada Testemunhal e Decolonial do Saber Histórico* (2022). Serão consideradas as abordagens e ideias discutidas por Seligmann, visando ampliar a compreensão das relações culturais, históricas e identitárias em Portugal. *A Máquina de Fazer Espanhóis* retrata personagens que se sentem isolados e

deslocados em relação à sociedade em que vivem, sendo interpretada como uma crítica à falta de liberdade e à repressão política que caracterizaram o regime salazarista. Além disso, a obra também aborda questões de identidade e pertencimento, que podem ser relacionadas à política nacionalista e imperialista promovida pelo regime.

Nas considerações finais deste trabalho, retoma-se a importância de como este romance português examina a relação entre ficção e história, discutindo como o retorno ao passado, empreendido pela obra, permite uma reflexão sobre as grandes narrativas e a redescoberta das histórias portuguesas.

A dissertação demonstrou que, por meio do personagem Silva e de suas lembranças, a obra revisita o passado traumático de Portugal durante o regime de António Salazar, desafiando as narrativas históricas oficiais e idealizadas.

CAPÍTULO 1. VALTER HUGO MÃE: O AUTOR E SUA OBRA

Neste capítulo, abordam-se os aspectos que dizem respeito à vida do escritor português, nascido em 1971. No cenário literário contemporâneo, Valter Hugo Mãe é um desses autores que se destacam não apenas por sua maestria na escrita, mas também por sua capacidade de explorar as complexidades da condição humana de maneira única. Sua obra transcende fronteiras e se torna uma voz distinta na literatura portuguesa e internacional. Dedicaremos nossa atenção ao autor e à sua notável contribuição à arte literária, com foco especial em uma de suas obras mais emblemáticas, *A Máquina de Fazer Espanhóis*.

1.1 Valter Hugo Mãe, artista português

Valter Hugo Mãe, pseudônimo adotado pelo literato, é considerado um dos maiores escritores de língua portuguesa. Nasceu em 25 de setembro de 1971, em Angola, país que, na época, era colônia de Portugal e cuja independência, cumpre destacar, foi oficializada pelo governo português somente em 1975.

Em 1974, antes mesmo de o país se tornar independente e quando tinha três anos de idade, Mãe, ainda Valter Hugo Lemos, e seus três irmãos, Marisol, Marco e Flor, juntamente com seus pais, deixaram a Vila Henrique de Carvalho, atual cidade de Saurino, e mudaram-se para terras lusas, fixando residência na cidade de Paços de Ferreira.

Seu pai, José Alberto Maia, havia sido militar e, em razão disso, não fixava residência em uma cidade específica, mudando-se constantemente. Sua mãe, Maria Emanuela de Souza Maia, por sua vez, não desempenhava atividade diferente das mulheres do período, ou seja, dedicava-se aos afazeres domésticos e ocupava-se com a costura, atividade que contribuía para a renda familiar.

Embora seu pai fosse militar, a mudança de Angola para Portugal não ocorreu para cumprir ordens das forças armadas, mas sim para assumir o cargo de bancário na União dos Bancos Portugueses, permitindo-lhe retornar às terras lusas. Em sua autobiografia, o autor descreve em detalhes sua chegada a Lisboa. Apesar de sua tenra idade, essas recordações jamais o abandonaram. Essas experiências lhe ofereceram a liberdade de pensar, e desde então passou a conhecer e aceitar as diferenças, algo que viria a compreender mais tarde, ao longo de sua vida.

Devido à condição financeira do pai, cujo cargo na época era importante, Mãe passou a infância em uma casa grande, com um corredor tão extenso que podia ir de bicicleta do seu quarto até a sala, conforme relatou em suas memórias. Além disso, passeava entre os riachos e bosques; no verão, gostava de acampar com seus irmãos no quintal. Ainda que o medo de que aparecesse um bicho qualquer tomasse conta dele, acabava por desafiá-lo, porque se tratava de uma grande aventura infantil.

Boa parte de sua infância transcorreu em Paços de Ferreira, no ano de 1980, mudou-se para a Vila do Conde, onde começou a frequentar a escola e a receber instruções nas primeiras letras, tendo sido incitado a escrever de próprio punho provérbios. Conforme relata, de imediato, ficou encantado com seu desempenho na escrita, o que ficou provado quando recebeu seu primeiro prêmio: ganhou chocolates por haver escrito uma grande quantidade de provérbios. Esse amor pela escrita, bem como pela leitura, aprofundou-se quando descobriu as publicações Fernando Pessoa¹, por quem passou a nutrir profunda admiração e respeito, por se tratar de autor que o iniciou no universo da leitura, por isso passou a ser sua principal referência literária.

Deve-se salientar, ainda, que Valter faz menção a Fernando Pessoa em seu livro *A Máquina de Fazer Espanhóis*, em que há uma personagem chamada António de Sousa, idoso solitário que vive em uma casa de repouso. Valter é um grande admirador da poesia de Fernando Pessoa e costuma recitar seus versos para os outros personagens do livro. Em uma das passagens do romance, António de Sousa recita o poema *Tabacaria*, um dos mais conhecidos de Pessoa, que começa com a frase “Não sou nada. Nunca serei nada” (Pessoa *apud* Mãe, 2010).

É importante enfatizar que Valter Hugo Lemos naturalizou-se português somente em 2001, com a justificativa de que todas as suas raízes e impressões desde a sua infância são portuguesas. Quanto ao pseudônimo “Mãe”, foi adotado aos 30 anos de idade, porque, segundo ele, gostaria de enaltecer as mulheres, por sentir uma profunda admiração por elas, pela sua biologia e capacidade reprodutora. Em outras palavras, por meio da arte e da literatura pode-se entender o que é o outro e qual o seu lugar, e, eventualmente, chegar a uma consonância global incontestável sobre “a importância da mulher na sociedade” (Mãe, 2004) – ideia reconhecida por ele em suas obras.

Em entrevista concedida à revista on-line *Fronteiras do Pensamento*, o literato externou todo o carinho e amor que sente por sua mãe:

A minha mãe é a minha filha. Preciso de lhe dizer que chega de bolo de chocolate, chega de café ou de andar à pressa. Vai engordar, vai ficar elétrica,

vai começar a doer-lhe a perna esquerda. Cuido dos seus mimos. Gosto de lhe oferecer uma carteira nova e presto muita atenção aos lenços bonitos que ela deita ao pescoço e lhe dão um ar floral, vivo, uma espécie de elemento líquido que lhe refresca a idade. Escolho apenas cores claras, vivas. Zango-me com as moças das lojas que discursam acerca do adequado para a idade. Recuso essas convenções que enlutam os mais velhos. A minha mãe, que é a minha filha, fica bem de branco, vermelho, gosto de a ver de amarelo-torrado, um azul de céu ou verde (Mãe, 2018).

No que concerne à sua trajetória académica, a *alma mater* de Valter Hugo Mãe é a Universidade do Porto, em Lisboa, onde licenciou-se em Direito e, posteriormente, fez uma Pós-Graduação em Literatura Portuguesa Contemporânea, enquanto era estagiário do advogado Dr. Almeida Sampaio. Foi justamente nesse período que manteve contato com o Centro de Estudos Regianos - CER¹ -, experiência que o motivou a redirecionar sua carreira, abandonando o Direito para trabalhar na referida instituição lusitana. Tal condição o fez se sentir profundamente lisonjeado, uma vez que, daquele momento em diante, teria a oportunidade de conhecer profundamente a obra de Régio e trabalhar na área cultural do CER. De acordo com a apresentação institucional, “o Centro de Estudos Regianos foi criado em fins de 1994, na sequência do projeto *Estudo e Edição dos Manuscritos Autógrafos de José Régio*, lançado em 1993,” (CER, 2023).

De fato, constatou-se que os livros, a leitura e a cultura eram o que lhe davam sentido, deixando-o eufórico para aproveitar o momento em que se dedicava a tal atividade, pois em suas veias percorriam ideias criativas, natureza bastante diferente do exigido na área em que havia começado a fazer carreira. Assim, optou por abandonar a advocacia e viver da própria pena. Sobre sua carreira no direito, ele relatou:

Apetecia-me resolver as coisas com a maior brevidade, eventualmente ao estalo, mas tinha de usar a diplomacia jurídica, muito lenta e muito chata. Penso até que foi quando percebi a existência real de uma burocracia que só empecilhava, que comecei a concluir que talvez fosse mais produtivo ocupar o meu lugar no mundo como escritor, e não como advogado (Mãe, s/d).

O autor lançou seu primeiro livro em 1996, intitulado *e Poesia*, e, logo após, foi convidado por seu amigo, o escritor Jorge Reis-Sá (1977 -), a ser sócio da Editora Quase. No entanto, a sociedade durou muito pouco, apenas de 1999 a 2004, encerrando-se porque ele tinha outros planos de viver exclusivamente da escrita. Sua influência como autor contemporâneo de

¹ O Centro de Estudos Regianos (CER) é uma instituição sediada em Lisboa, dedicada ao estudo e divulgação da vida e obra do poeta português José Régio (1901-1969). O CER promove pesquisas, eventos e publicações relacionadas ao trabalho de Régio, cujo legado foi expressivo e se reporta ao século XX, além de preservar e difundir o seu legado literário e cultural.

diversos best-sellers não se restringiu a Portugal, tendo cruzado o Atlântico. Em 2015, por exemplo, foi convidado a realizar uma residência na Universidade de Massachusetts, onde foi integrado ao Centro Pedroso-Saab², que promove estudos sobre a literatura, língua e cultura portuguesa. Esse Programa de Estudos Portugueses é apoiado pela Fundação Luso-Americana.

Atualmente, Valter Hugo Mãe agrega multitalentos: é escritor, artista plástico, músico e apresentador, e tem mais de 30 livros publicados, que são de natureza diversa, a exemplo de poesias, literatura infantil e romances. Ao longo de sua carreira, o literato português já foi contemplado com diversos prêmios importantes, porém, considera o mais significativo deles – por se tratar de congratulação destinada especificamente a escritores de Língua Portuguesa - o Prêmio Literário José Saramago, com que foi laureado em 2007 pela escrita do romance *O Remorso de Baltazar Serapião*.

1.2 A Máquina de Fazer Espanhóis - Recepção Crítica

O enredo da obra *A Máquina de Fazer Espanhóis*, publicada em 2010, se desenvolve em um lar de idosos em Portugal, onde o personagem principal, António Jorge da Silva, após perder sua esposa Laura, é colocado pelos próprios filhos em um asilo, contra a sua própria vontade. É justamente nesse ambiente que António Jorge rememora sua vida e faz novos amigos, cujas personalidades, embora distintas, apresentam proximidade devido ao fato de compartilharem o mesmo espaço.

O livro constitui uma reflexão sobre a velhice, a amizade, a solidão e a morte. Ao longo da narrativa, as personagens relembram momentos importantes vividos, como amores perdidos, sonhos não realizados e arrependimentos por atitudes tomadas (ou não). A obra é marcada pela poesia e sensibilidade, características do autor, e recebeu ampla aclamação da crítica. De acordo com o próprio escritor, os títulos intrigantes de seus livros podem ser compreendidos da seguinte maneira:

Dão pistas e despertam a curiosidade, porém, nunca são autoexplicativos, e reflete o nível de proficiência do leitor. Assim, haverá pessoas que leram meus livros e ainda assim, não encontraram um título para eles. Ainda de acordo com Valter, “sempre haverá uma página onde me refiro diretamente à frase contida no título, mas há pessoas que, na vertigem da leitura, não percebem. É como se

² O Centro Pedroso Saab de Estudos Portugueses é uma instituição sediada na Massachusetts University, em Lowell, nos Estados Unidos. Dedicar-se ao estudo da língua portuguesa, literatura e cultura lusófona. O centro tem como objetivo apoiar o ensino e a pesquisa acadêmica relacionados a Portugal e aos países de língua portuguesa, bem como incentivar o intercâmbio cultural e acadêmico entre os Estados Unidos e esses países.

de certa forma ele desafiasse o leitor a construir sua própria definição (Coelho, 2016).

Tendo isso em vista, é relevante considerar a recepção de *A Máquina de Fazer Espanhóis*, aspecto fundamental para refletir sobre a aceitação (ou não) da narrativa tanto pelo público leitor quanto pela crítica especializada. Dessa forma, adota-se uma abordagem geográfica, a começar por Portugal, a casa do artista. Em um segundo momento, pretende-se analisar a recepção nos países fronteiriços³, Espanha, França, Itália e Alemanha. Parte-se, em seguida, para a recepção e visibilidade de *A Máquina de fazer Espanhóis* para além do Atlântico, ou seja, na porção americana, a saber: Estados Unidos, representando o norte, e Brasil, o sul.

A Máquina de fazer Espanhóis foi o acontecimento literário do ano de seu lançamento em Portugal, tendo figurado na lista dos mais vendidos e considerado um dos mais importantes romances contemporâneos. Para exemplificar, basta mencionar que o autor foi agraciado com o prêmio Portugal Telecom de Literatura Portuguesa⁴, com a obra considerada uma das melhores já escrita pelo literato. A história é envolvente e leva o leitor ao ápice da reflexão sobre a vida e o contato com o outro, tratando de um tema que direciona a atenção dos leitores para o idoso, assunto atual e amplamente discutido na sociedade pós-moderna. A obra, inclusive, inspirou uma peça teatral e teve sua adaptação feita pela companhia Trigo Limpo Teatro – ACERT, com o título *O Fascismo dos Bons Homens*.

A peça foi escrita, dirigida e encenada por Pompeu José e teve sua estreia no Teatro Cinearte – A Barraca, em Lisboa. Logo em seguida, foi encenada em Guarda e na Vila do Conde. A peça contou com um elenco de renomados atores portugueses, a exemplo de António Rebelo, Hugo Gonzalez, João Silva, Pedro Sousa, Raquel Costa e Sandra Santos. A adaptação para o teatro foi muito bem recebida pela crítica especializada e pelo próprio público português, o que contribuiu para consolidar ainda mais a reputação da obra de Valter Hugo Mãe, inspiradora da peça. A adaptação teatral foi elogiada pela sua fidelidade ao livro e pela habilidade em trazer a história e os personagens para o palco de forma envolvente.

Entre as diversas críticas positivas recebidas por Valter Hugo Mãe, destacam-se as de José Mário Silva, crítico literário do Jornal Expresso, que elogiou a obra ao afirmar: “estamos

³ Portugal, Espanha, França, Itália e Alemanha são países europeus com fronteiras terrestres entre si, formando parte do continente europeu e contribuindo para o rico entrelaçamento cultural, político e econômico da região. Portugal faz fronteira com a Espanha a leste e ao norte, enquanto o território espanhol também faz limite com a França a nordeste. A França compartilha fronteiras com a Itália a leste e com a Alemanha a nordeste.

⁴ Atualmente denominado Prêmio Oceanos, é considerado um dos prêmios literários mais importantes entre os países de Língua Portuguesa.

perante um dos mais belos romances escritos em português neste século” (Silva, 2010). Silva não poupou elogios à habilidade de Valter Hugo Mãe em construir personagens complexas e multifacetadas, destacando a sensibilidade aguda do autor para as nuances psicológicas dos indivíduos. O crítico também destacou a linguagem poética e envolvente empregada no livro, que, segundo ele, é capaz de “tocar o leitor” (Silva, 2010). Outro ponto observado por Silva é a maneira como o livro aborda temas humanos, como a solidão, a velhice e a memória, de forma original e impactante. Ele acrescenta que, apesar de ser uma obra de ficção, apresenta elementos autobiográficos que ajudam a conferir autenticidade e força emocional ainda maiores à narrativa fictícia.

Em relação à crítica de José Mário Silva, há ainda as tácitas referências pessoais e culturais que Mãe emprega em suas obras, estabelecendo uma linha tênue entre o envelhecimento e o esquecimento. Isabel Lucas, crítica literária do *Diário de Notícias* e curadora do Pavilhão de Portugal na Bienal do Livro de São Paulo, analisou o trânsito entre as literaturas lusófonas e avaliou o livro nos seguintes termos: “obra-prima da literatura portuguesa contemporânea” (Uma onda [...], 2022).

José Carlos Fernandes, crítico literário do Jornal *Público*, destacou que “a linguagem de Valter Hugo Mãe é sempre emocionante e apelativa, fazendo com que a leitura deste livro seja uma experiência inesquecível” (Fernandes, 2010). Essas foram algumas das críticas positivas que a obra de Valter Hugo Mãe recebeu em Portugal. A obra também foi premiada com o Prêmio Literário José Saramago, em 2007, e o Grande Prêmio de Romance e Novela, da Associação Portuguesa de Escritores, em 2010.

Na França, onde foi publicada em 2010, imediatamente após à edição portuguesa, o que revela a urgência do tema, sob o título *La Machine à Faire les Espagnols* e com o selo da Éditions Viviane Hamy – cuja tradução ficou sob a responsabilidade de Dominique Nédellec, teve uma recepção formidável. A Crítica Literária Francesa elogiou a sensibilidade poética e a profundidade emocional da escrita de Valter Hugo Mãe, bem como a sua habilidade em retratar as complexidades das relações humanas. Entre as críticas positivas, destacam-se as dos jornais internacionais de maior circulação na imprensa, *Le Monde* e *L'Express*. O primeiro afirmou que *A Máquina de fazer Espanhóis* é “um romance magnífico, lírico e cheio de humanidade, que toca profundamente o coração do leitor” (Noiville, 2013). Já o segundo, considerou a obra “um livro belo e emocionante, que mergulha o leitor em um universo poético e ao mesmo tempo brutal” (Silva, 2013).

Em 2011, a obra foi finalista de um importante prêmio literário europeu que reconhece obras de ficção contemporânea escritas por autores europeus. *A Máquina de Fazer Espanhóis*

também foi lançada na Alemanha em um curto intervalo após sua publicação original, em 2012, sob o título *Die Maschine, die spanische Wörter spuckt*, com tradução de Marianne Gareis e publicado pela editora Berlin Verlag.

Na Alemanha, a obra também foi avaliada positivamente, com destaque para a escrita poética e sensível de Mãe, bem como para a sua habilidade em explorar temas universais, como a dor, a perda e a redenção. O periódico *Der Tagesspiegel*, por exemplo, afirmou que *A Máquina de Fazer Espanhóis* é “um livro sensível e poético, que nos leva a refletir sobre a vida e sobre a morte” (Schmidt, 2014). Já o *Süddeutsche Zeitung* escreveu que a obra é “um livro maravilhoso e emocionante, que nos mostra a beleza da vida e a importância de amar e ser amado” (Münch, 2014). O *Frankfurter Allgemeine Zeitung* afirmou que *Die Maschine, die spanische Wörter spuckt* é “um livro profundamente humano e poético, que nos faz rir e chorar ao mesmo tempo” (Hartleben, 2014). Ademais, a obra foi finalista do Prêmio Internacional de Literatura do Instituto de Língua Alemã em 2013, um importante prêmio literário do país, que reconhece obras de ficção escritas por autores de língua não alemã e traduzidas para o alemão.

Na Espanha, a obra também foi publicada em 2010, demonstrando novamente a relevância social do tema, uma vez que recebeu tradução imediata, lançada pela Editora Alfaguara. Com tradução de Maria Adélia Silva Melo, a obra obteve uma recepção muito positiva no país, sendo amplamente elogiada pela crítica literária e pelo público em geral. Entre as avaliações destacadas nos principais meios de comunicação, ressalta-se a do *El País* - fundado após a morte do ditador Francisco Franco em 1976, acabou sendo considerado o símbolo da transição democrática na Espanha e um dos pilares da imprensa -, que afirmou: “Valter Hugo Mãe é um grande escritor, e sua obra é uma das mais belas que li nos últimos tempos. *A Máquina de Fazer Espanhóis* é uma obra-prima, um livro que nos comove profundamente e nos faz refletir sobre a vida e a morte” (EL PAÍS, 2010).

De maneira similar, o *ABC Cultural*, outro principal diário espanhol, dedicado à cultura e às artes, incluindo a literatura e, por isso, espaço respeitável para a crítica cultural de livros, pois publica artigos, entrevistas, resenhas e reportagens sobre temas variados. Observou a obra de Mãe e expressou-se da seguinte forma: “este é um romance que fala de amor, de perda, de saudade, de solidão, de medo, de esperança e de redenção. Uma obra de uma beleza e sensibilidade excepcionais” (ABC, 2010). No *La Vanguardia*, encontramos uma consideração sobre a obra que diz o seguinte: “*A Máquina de Fazer Espanhóis* é um livro que fica na memória do leitor, uma obra que nos ensina a valorizar as pequenas coisas da vida e a encontrar beleza mesmo na dor e no sofrimento” (LA VANGUARDIA, 2012).

A obra também foi finalista do Prêmio Literário Casino da Póvoa, em Portugal, e venceu o Prêmio Literário José Saramago em 2007, um dos principais prêmios literários de Língua Portuguesa. O sucesso da obra na Espanha contribuiu para a difusão da literatura portuguesa no país e consolidou Valter Hugo Mãe como um dos principais escritores contemporâneos em língua portuguesa.

Não se pode deixar de considerar, da mesma forma, a grande repercussão do livro nos Estados Unidos. Traduzido para o inglês por Margaret Jull Costa e lançado em 2012 pela editora Bellevue Literary Press, o romance foi bem recebido pela crítica literária norte-americana, que destacou a leveza poética do autor e suas múltiplas reinterpretações do ser humano, com personagens que transitam entre extrema tristeza, nostalgia e riso. A memória individual das personagens entrelaça-se à memória coletiva e ambas acabam por refletir sobre a vida e a morte, desempenhando um papel crucial na construção da identidade do grupo de idosos que habitam o local. *The New York Times*, jornal reconhecido por suas críticas de livros, afirmou que: “Valter Hugo Mãe escreve com uma força emocional e uma sensibilidade que são raras na literatura contemporânea, tem um estilo poético e uma narrativa complexa” (Lippens, 2012).

Acerca da fortuna crítica de *A Máquina de Fazer Espanhóis* (2010), sobretudo no âmbito acadêmico e no campo das Letras, é difícil que Valter Hugo Mãe passe despercebido, ao menos nos países ocidentais, haja vista as muitas críticas positivas que recebeu em diversos países, conforme destacado no decurso do texto.

Entretanto, ainda cabe mencionar o caso brasileiro, onde a obra também foi bem recebida pelo público, destacando-se na Feira Literária Internacional de Paraty, em 2011, mesmo ano em que foi traduzida para o português pela editora Cosac Naify e prefaciada por Caetano Veloso, o que evidencia a estreita relação que o autor mantém com o Brasil. Segundo o próprio escritor, o país é sua segunda casa, dado o profundo carinho que nutre pelo povo e pela cultura brasileira. Ele mesmo prefaciou um livro de sua amiga e escritora Conceição Evaristo, que também prefaciou seu último romance, *As Doenças do Brasil* (2021), ambientado na Amazônia e que narra a história dos povos originários.

Em relação à recepção da obra de Valter Hugo Mãe no Brasil, é possível destacar que, além de sua singularidade, ela apresenta um desafio aos leitores ao confrontar a memória individual e a memória coletiva, ressaltando seu caráter contemporâneo. A memória no contemporâneo tem sido influenciada pelo fenômeno da pós-modernidade, em que a verdade factual perde espaço para narrativas e interpretações subjetivas dos fatos.

No que diz respeito à crítica literária brasileira, há uma vasta quantidade de estudos acadêmicos sobre a obra. De acordo com Souza (2014, p. 3), *A Máquina de Fazer Espanhóis* apresenta uma representação niilista do mal-estar na civilização.

Ao passo que para o sentimento de infelicidade pode vir do nosso corpo – envelhecimento, decadência – do mundo externo – ambiente, fragilidade, natureza – e dos relacionamentos com os outros, talvez o mais inconstante. Para esse sentimento de infelicidade, a maneira mais comum e natural para o ser humano, é a de se isolar, com isso busca a felicidade a fim de evitar a infelicidade (Souza, 2014).

Na obra de Mãe, é factível que um número reduzido de pessoas na terceira idade se identifiquem com ideias niilistas, especialmente se tiverem vivido experiências que as levaram a questionar valores e crenças estabelecidos. Além disso, a própria ideia de que a velhice é uma fase de reflexão e questionamento pode ser vista como um reflexo do niilismo, pois implica em uma descrença em verdades absolutas e uma busca por sentido e significado.

Ramos, Neves e Barreto (2021) afirmam que o abandono do idoso em asilo é o evento mais comum, pois ele deixa sua moradia, lugar em que estava acostumado a viver, e é levado para outro local; deixa também suas referências, o território para qualquer sujeito e, independente da sua idade cronológica, adquire um papel fundamental e emocional, principalmente na velhice.

É importante lembrar que a idade cronológica não é o único fator que determina a experiência de envelhecer. Outros fatores, como a intimidade com o lugar, o sentimento de pertencimento, o ser retirado de sua casa e levado a um lugar desconhecido, com pessoas desconhecidas, afetam a saúde. Nesses casos, o único apego é a memória, que, na pós-modernidade, pode influenciar significativamente a vivência da velhice e a forma como as pessoas são percebidas e tratadas pela sociedade.

De acordo com Andrade (2016), a literatura pode ser entendida como uma forma de representação da memória e do lugar. Além disso, a memória é fundamental para a construção da identidade individual e coletiva, permitindo que as pessoas se reconheçam como parte de um determinado grupo ou comunidade. Na literatura, isso pode ser explorado por meio da representação de memórias compartilhadas, como a história de um povo ou de um país.

Acrescenta-se a essa ideia o ponto de vista de Nogueira sobre a diversidade temática utilizada por Mãe em seus textos:

[...] palavras e expressões recorrentes e fortes que nos indicam claramente as preferências e as preocupações do autor. Se as organizarmos em grupos, temos as linhas essenciais desta literatura: “amor”, “amizade”, “alegria”, “sonho”, “tristeza”, “ódio”, “maldição”, “sexo”, “vida”, “morte”, “sofrimento”, “solidão”, “generosidade”, ou seja, escrita dos sentimentos e das emoções, escrita da vida e sobre a vida humana; “natureza”, “natureza das coisas”, “árvores”, “animais”, “sol”, “chuva”, “mar”, ou seja, escrita da natureza e sobre a natureza; e “poesia”, “poema”, “versos”, “livros”, “escrita”, ou seja, escrita da escrita e sobre a escrita (Nogueira, 2016, p. 11).

Para Nogueira, a análise crítica literária observa a frequência de determinadas palavras e expressões no discurso literário, o que pode indicar as preferências e preocupações do escritor. Tais palavras e expressões foram agrupadas em categorias, que representam as linhas essenciais da literatura de Hugo Mãe, incluindo temas como os sentimentos e emoções humanas, a natureza e a reflexão sobre a própria escrita. Essa observação indica que a literatura em análise é uma escrita que busca explorar as experiências e vivências humanas, a natureza e a própria condição da literatura.

Tomando como referência os conceitos de Candido (2011), com a intenção de reforçar a análise de Nogueira, é fundamental garantir que todas as pessoas, grupos sociais e sociedades inteiras tenham acesso à ampla diversidade de formas literárias. Isso se deve à importância da literatura na formação integral e humanizadora das pessoas. O processo de humanização, conforme a perspectiva do autor, consiste em confirmar nos indivíduos traços essenciais, tais como a capacidade de reflexão, a aquisição de conhecimento, empatia, sensibilidade emocional, capacidade de compreender os problemas da vida, percepção da beleza, compreensão da complexidade do mundo e dos seres e o cultivo do humor. Nesse sentido, a literatura desempenha um papel fundamental, ao permitir que as pessoas se tornem mais abertas e compreensivas em relação à natureza, à sociedade e aos outros indivíduos.

Entre os diversos estudos sobre a obra do autor português no Brasil, destaca-se o trabalho de Pantoja (2019), cuja proposta é apresentar um motivo de cunho muito pessoal e, ao mesmo tempo, social, que se tornou especialmente pertinente na escolha desse tema: a observação da polarização no cenário político brasileiro, com o surgimento de uma suposta guerra de narrativas acerca de um período similar, na historiografia brasileira, ao narrado no romance de Valter Hugo Mãe. A escolha do tema pode ser vista como uma forma de contribuir para o debate e a reflexão sobre a importância da memória histórica e da literatura como fonte de reflexão crítica sobre o passado e o presente.

Essa abordagem integra-se, na visão dos críticos, à sensibilidade poética e à força emocional do livro, evidenciando a habilidade do autor em desenvolver personagens complexos e abordar temas como o amor, a solidão e a morte de maneira original e inventiva. Apesar das variações nas opiniões, é possível afirmar com propriedade que a obra é amplamente apreciada pela crítica literária.

1.3 Leitura e Releitura da obra *A Máquina de fazer Espanhóis*

Em primeiro lugar, é preciso conhecer o diálogo literário produzido na obra. Vale ressaltar que esta obra faz parte da Tetralogia escrita por Valter Hugo Mãe, e cada um dos livros está interligado aos demais, todos escritos em letras minúsculas. *O Nosso Reino* (2004), *O Remorso de Baltazar Serapião* (2006), *O Apocalipse dos Trabalhadores* (2008) e *A Máquina de Fazer Espanhóis* (2010). A *Tetralogia das Minúsculas* significa, para o autor, uma liberdade primária de pensamento literário e dialoga com as necessidades e sentimentos do homem no século XXI.

As informações contidas em *A máquina de fazer espanhóis* dizem respeito a personagens profundas e intensas, todas lidam com os sentimentos de perda, angústia, depressão e saudade. Trata-se de uma narrativa que propõe uma reflexão densa sobre a vida e a morte, com um asilo como cenário do enredo e um homem que perdeu sua esposa como protagonista.

No primeiro capítulo do livro, intitulado *O Fascismo dos Bons Homens*, desenrola-se a chegada de António Jorge da Silva ao asilo, para onde é levado por sua família contra a sua vontade. De imediato, percebe-se que a história aborda a senioridade, sobre o mudar-se e se reconstruir a partir de uma nova situação na terceira idade. Embora António deseje viver de maneira prazerosa e aproveitar os últimos anos da sua vida, subitamente, uma tragédia descomunal acontece e indica que algo extremamente trágico e significativo ocorre. O termo “descomunal” sugere que a tragédia é de proporções extraordinárias, possivelmente algo devastador ou catastrófico. A mensagem geral é que, mesmo quando buscamos a felicidade, a vida pode nos surpreender com desafios difíceis de superar.

A obra aborda aspectos relacionados à forma de lidar com o novo e o inesperado. No segundo capítulo, intitulado “A Brancura”, discute-se um estágio de desintegração final. O nome de cada capítulo propõe um processo de familiarização com o autor, por meio do qual

tudo começa a fazer sentido e, conseqüentemente, a ser compreendido. Ao longo da narrativa, os personagens enfrentam suas próprias solidões e buscam conexões humanas genuínas.

O romance não é apenas uma história contada; em seus pequenos detalhes e na questão da pontuação, estabelece um diálogo com a obra de José Saramago. Valter Hugo Mãe realiza essa conexão de forma singular, abordando elementos metafísicos a partir do poema *A Tabacaria* (1928), de Fernando Pessoa. Ele busca desvelar aspectos que permanecem inexplicados e obscuros, que podem sugerir o misterioso, o inexplicável e até o sobrenatural.

Essa questão é abordada por meio da personagem Esteves, que se caracteriza pela ausência de metafísica, apresentando aspectos reconhecíveis cientificamente, sem elementos misteriosos, especiais ou grandiosos. Essa reflexão acerca de “as coisas serem só o que são” ou de possuírem “algo além”, torna-se particularmente pertinente a partir do momento em que se está lidando com personagens idosos que estão no fim da vida, em um asilo. Esse questionamento sobre a vida e a morte é constante ao longo da narrativa, especialmente na trajetória da personagem principal, que se refaz. Da mesma forma, Esteves, sem metafísica, representa a ideia de que a vida e a morte são eventos naturais e finitos, sem um componente misterioso ou transcendental. Ele é um personagem que lida com a realidade da mortalidade de forma pragmática e científica, reconhecendo que as coisas são apenas o que são, sem algo além.

Portanto, é fundamental compreendermos quem representa a força desse romance: o narrador-personagem Antônio Jorge da Silva, um barbeiro poeta que gosta de escrever. Em seu matrimônio com a falecida esposa, Laura, ele era a parte poética da relação, e entendemos sua sensibilidade diante da vida. Ao mesmo tempo, percebemos sua raiva em relação a tudo que o cerca. Embora ele não acredite em Deus, mantém uma Santa (que, na verdade, é uma boneca) em seu quarto. Apesar de sua descrença em algo além, deseja ir ao túmulo da esposa e ver se ainda encontra algo lá. Essas nuances e paralelos que o autor constrói são importantes para compreendermos o pessimismo do personagem.

Para o leitor, Silva chega ao asilo pessimista e totalmente destruído, sem vontade de conversar com ninguém. No entanto, aos poucos, ele vai criando laços dentro daquele universo que lhe foi imposto à força. Para ele, esses laços que constrói no exílio, transformam uma rotina monótona em algo comovente. Sente-se essa comoção constante na narrativa de um personagem que está tão aberto a ser verdadeiro, sem a necessidade da construção de herói.

O romance adentra na história de Portugal e evoca a figura do Salazar, que vem de encontro com a questão da metafísica desses personagens. Embora a ditadura de Salazar já tenha terminado em Portugal, os resquícios do regime ainda permanecem nos idosos sobreviventes, que carregam as feridas de um sistema opressor. Assim, quando o sistema coloca

no poder uma figura que fala em nome do patriotismo e da família, torna-se algo preocupante. Percebe-se a forma que as pessoas viveram e chegaram até ali, calando em si a frustração de toda uma vida marcada por um quarto de século de ditadura fascista.

À medida que a história se desenrola no asilo, o leitor se habitua ao ambiente, onde as pessoas morrem todos os dias, saem de seus quartos e não voltam mais, partindo para outros lugares. Aqueles que ficam questionam por que precisam passar por uma fase tão humilhante no final de suas vidas.

Conforme se aprofunda a leitura, podemos observar por que *A Máquina de Fazer Espanhóis* aborda a Espanha. Começamos a compreender o contexto da história que ocorria na Europa, especificamente entre Portugal e Espanha, principalmente no que tange à questão do patriotismo e da identidade nacional, desenvolvida na obra. Assim, a metáfora presente no título pode referir-se à ditadura ou à entrada no asilo.

Da mesma forma, o romance expressa com precisão temas como a saudade, a solidão e a angústia, abordando os contextos sociais da época. Neste trabalho, focaremos no estudo do personagem, o fato e a memória na pós-modernidade e em como Silva, marginalizado pela sociedade e vivendo em situação de vulnerabilidade e solidão, encontra-se consigo mesmo e refaz sua vida em um ambiente até então inimaginável.

Ponderamos que a apresentação e o aprofundamento da obra nos capítulos seguintes serão percebidos sob novas possibilidades; contudo, teremos uma dimensão exata da vida dos personagens e de como se relacionam com a memória individual e coletiva. Portanto, neste capítulo, realizamos uma análise abrangente e minuciosa do livro. Exploramos não apenas as nuances literárias presentes em seu texto, mas também investigamos a recepção crítica, que desempenha um papel significativo na compreensão de sua contribuição para o cenário literário. Desse modo, promovemos uma leitura aprofundada e uma subsequente releitura de *A Máquina de Fazer Espanhóis*.

CAPÍTULO 2. O PERSONAGEM SILVA: LUTO, MEMÓRIA E FICÇÃO NA PÓS-MODERNIDADE.

“Não digo que sejamos assim uns tolos, sem a robustez necessária, uma certa resistência para as dificuldades, nada disso, somos genuinamente bons homens e ainda conservamos uma ingênua vontade de como tal sermos vistos, honestos e trabalhador” (Mãe, 2010 p. 14).

Explorando temas de memória e ficção no contexto pós-moderno, Silva emerge como uma figura central que personifica os desafios enfrentados pela sociedade contemporânea em lidar com a velhice e a perda, reconstruir narrativas de identidade e confrontar a complexidade da experiência humana em uma era marcada por contradições.

A desconstrução das verdades absolutas e a busca por novos significados. Através de Silva, o autor examina como a literatura contemporânea lida com essas questões, destacando como o personagem representa uma reflexão sobre a relação entre a realidade, a memória e a construção da ficção na pós-modernidade.

2.1 O fato e a memória no contemporâneo

Para compreender o romance contemporâneo *A Máquina de fazer Espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, e o pós-modernismo presente em sua narrativa, faz-se necessário, de saída, estudar o referido conceito. Para tanto, lança-se mão do livro *Poética do pós-modernismo* (1991), de Linda Hutcheon. Nele, a autora afirma que fato e ficção estão no mesmo lugar, ou seja, não existe fato⁵ histórico ou verdade absoluta (Hutcheon, 1991), e a memória é uma ficção, pois, mesmo que duas pessoas tenham vivido a mesma experiência, a lembrança que cada uma é capaz de recordar é diferente. Logo, as memórias são singulares, porque estão sempre engendradas pelas vias da subjetividade, cujos ares beiram a ficção.

O estudo aprofundado do pós-modernismo pode ser abstrato, descentralizado e indeterminado, porque as criações humanas são ilusões, além de limitadas, muitas vezes, ao imaginário.

⁵ No contexto do pós-modernismo, a palavra fato é frequentemente questionada e problematizada (Hutcheon, 1988).

Um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade. é um dado adquirido, como existir oxigênio e usarmos os pulmões. não nos hão de convencer que volte a censura, qualquer tipo de censura. (Mãe, 2010 p. 14).

Dessa forma, na primeira página do livro há uma reflexão sobre o pensamento e a memória. A evolução nas posturas e mentalidades das pessoas ao longo do tempo, destacando a alternância entre desconfiança e pacifismo. Silva observa que as pessoas passam de um estado de desconfiança e inquietação para um estado de calma e ilusão. Além disso, ele salienta a diminuição da relevância das ideias e sugere que as liberdades conquistadas contribuíram para uma certa indiferença em relação ao pensamento crítico. Comparando a liberdade à respiração de oxigênio, o personagem destaca a sua natureza intrínseca e inquestionável, e expressa a convicção de que a censura, em qualquer forma, não terá lugar na sociedade contemporânea. Essas reflexões abordam a complacência das pessoas em relação à liberdade e a falta de ênfase no pensamento crítico em um contexto de suposta estabilidade e segurança.

A interpretação do texto em questão, à luz das considerações de Linda Hutcheon, parte do entendimento de que a ficção é uma criação humana que oferece uma visão subjetiva e interpretativa da realidade, em vez de uma representação exata. Nesse trecho, o personagem reflete sobre as mudanças nas atitudes e pensamentos das pessoas, o que revela sua subjetividade ao interpretar as transformações sociais e individuais. A alusão à suposta diminuição da relevância das ideias na contemporaneidade, e a convicção de que a censura revela a natureza subjetiva e interpretativa da ficção, proporciona uma perspectiva singular sobre a realidade e estimula a reflexão crítica.

De acordo com Hutcheon, a ficção e outras formas de arte são construções humanas que não conseguem reproduzir a realidade com precisão; em vez disso, oferecem uma versão subjetiva e interpretativa dela. Em outras palavras, as criações humanas são sempre condicionadas pelas circunstâncias em que foram produzidas, como a cultura, a ideologia e a história, portanto, estão sujeitas a limitações e imperfeições. Isso significa que não se pode vê-las como verdades absolutas ou objetivas.

No entanto, compreende-se que é possível valorizar essa ambiguidade, no que diz respeito à fragmentação e à incerteza em relação às criações humanas, já que elas refletem os limites da

percepção humana e da capacidade de representação. Nessa perspectiva, a ficção, bem como outras formas de arte, é vista como ferramenta para explorar essas limitações e questionar a própria natureza da representação.

depois não resisti a acrescentar, olhe que somos gente educada. e ele quase me repreendeu, mas a educação tem sido apertada neste país, à paulada, ou não lhe parece. achei que aquela silva era um imbecil dos grandes e que me estava a empatar as energias com retóricas a chegar a um ponto em que a irritação me fazia agir contra a vontade de estar quieto. e ele insistiu, já no limite, mas somos bons homens, podemos acreditar no que quisermos, seremos sempre bons homens. nós, os portugueses, somos mesmo, ponha isso na sua cabeça, colega silva. e a mim ninguém me apanha diminuído como outrora, somos europeus, eu sou uma silva da europa, isso é que ainda há muitos que não o são, só porque ainda não o aceitaram ou não o perceberam. mas, sabe o que lhe digo, é inevitável. vai chegar a todos. é tempo. é tempo. um dia seremos cidadãos de um mesmo mundo. iguais, todos iguais e felizes nem que seja por obrigação. estamos a alastrar, como nos compete, e um dia ainda deixaremos de ser silvestres, agrestes, isso de ir como o mato, porque estaremos cada vez com melhores maneiras, sofisticados e cheios de nuances de interesse, subtilezas como as que assistem aos grandes caracteres. um dia, caramba, estaremos até cheios de razão (Mãe, 2010 p.16).

A citação reflete a ideia de evolução e transformação das identidades portuguesa e europeia, destacando a progressão da sociedade em direção a uma maior sofisticação e integração global. O personagem expressa a crença na educação e na civilidade como elementos essenciais para a construção de uma comunidade mais unida e igualitária, onde a diversidade e a aceitação são valorizadas.

Ao relacionar esse trecho com a abordagem de Hutcheon sobre o pós-modernismo, percebemos uma conexão intrigante. A fragmentação e intertextualidade mencionadas por Hutcheon podem ser observadas na diversidade de perspectivas e discursos presentes na fala do personagem, que reflete a complexidade da experiência contemporânea. A ironia e a paródia, mencionadas por Hutcheon como ferramentas para desafiar narrativas dominantes, também podem ser identificadas na forma como o personagem questiona a noção de identidade nacional e europeia, apontando para uma visão mais aberta e inclusiva do mundo.

Ora, a desconstrução teórica, que enfatiza a natureza construída das categorias culturais, pode ser relacionada à reflexão do personagem sobre a evolução da sociedade e à superação de conceitos ultrapassados. Ambos os textos sugerem uma visão dinâmica e em constante transformação da identidade e da cultura, desafiando noções preestabelecidas e abrindo espaço para novas interpretações e possibilidades.

[...] não podemos conhecer o passado, a não ser por meio de seus textos: seus documentos, suas evidências, até seus relatos de testemunhas oculares são textos. Até mesmo as instituições do passado, suas estruturas e práticas sociais, podem ser consideradas, em certo sentido, como textos sociais (Hutcheon, 1988, p. 34).

Assim, na medida em que, para a pós-modernidade, tudo é texto, ou seja, a vida em sua totalidade é permeada pela palavra, torna-se plausível a ideia que aproxima realidade e ficção.

com a liberdade, só os cretinos mais incautos passaram a ser má gente. tudo o resto preza-se e cabe na sociedade de queixo erguido. e isso leva-nos a quê, perguntei eu. a quê, retorquiu, exultante pelo meu aparente interesse. sim, respondi algo provocador, o que quer dizer com isso, na verdade, na prática, o que significa uma afirmação toda ensimesmada dessas. ele voltou a pousar a caneta, pôs-se de pé com ar de quem faria um rodeio interminável, mas, depois da hesitação, foi direto ao assunto (Mãe, 2010, p. 15).

Essa sensação de que, atualmente, não se dá importância ao que se pensa é uma crítica à superficialidade e à falta de reflexão da sociedade contemporânea. Temos a necessidade de desconstruir conceitos preestabelecidos e abrir espaço para novas análises e possibilidades.

Portanto, fica explícita na citação a reflexão sobre a evolução da sociedade e a superação de conceitos ultrapassados, sugerindo uma visão dinâmica e crítica da cultura e da identidade, ao desafiar noções estabelecidas e apontar para a necessidade de uma abordagem reflexiva e aberta às mudanças do mundo contemporâneo.

Ainda segundo Hutcheon (1991), a fragmentação e a intertextualidade são características recorrentes do pós-modernismo, o que contribui para uma aproximação entre realidade e ficção. Destacamos que, neste romance contemporâneo, a fragmentação refere-se à técnica literária de apresentar a narrativa de forma não linear, dividida em partes ou fragmentos que podem não seguir uma ordem cronológica tradicional. Essa abordagem no texto inclui os saltos temporais e flashbacks vividos por Silva. A ideia de um futuro próximo, somada às suas reflexões e questionamentos, sugere uma preocupação com os rumos da sociedade e a necessidade de repensar conceitos estabelecidos. Sua postura desafiadora e sua análise profunda indicam uma atitude de questionamento e reflexão sobre o presente e o que está por vir.

A fragmentação pode ser usada para criar um senso de desconcerto ou desorientação, refletindo temas de incerteza ou instabilidade na narrativa e na vida dos personagens. Além disso, a fragmentação pode ser uma maneira de explorar a natureza fragmentária da experiência humana e da memória.

Essa técnica reflete a natureza multifacetada da experiência contemporânea, enquanto a intertextualidade pode sugerir que as narrativas literárias são parte de um tecido cultural amplo e

com interconexão. Vale destacar que a ironia e a paródia são técnicas literárias frequentemente utilizadas no pós-modernismo, pois podem sugerir uma distância irônica em relação à realidade. Ao mesmo tempo, a paródia aproxima-se da realidade ao imitar e criticar os gêneros e as formas literárias da cultura contemporânea.

Ademais, conforme Hutcheon (1991), a desconstrução é uma abordagem teórica que enfatiza a natureza construída e instável das categorias culturais, incluindo conceitos literários como ficção e realidade. No trecho, “Estendi a mão ao Silva da Europa e disse-lhe, e o Américo, o Américo também, que é meu amigo.” (Pág. 192). Silva questiona os laços familiares tradicionais ao encontrar solidariedade e lealdade entre os residentes do lar Feliz Idade, independentemente de laços sanguíneos.

Ao estender a mão ao colega e afirmar que Américo é seu amigo, Silva demonstrou uma nova forma de compreender a família, baseada nos laços de amizade. Com sua nova “família de coração” e a lealdade entre eles, ele passou a desconstruir a noção tradicional de família e a ressaltar a importância das relações humanas genuínas e da solidariedade como elementos essenciais para a construção de um sentido de pertencimento e de apoio mútuo.

Nesse sentido, a ficção pode se aproximar da realidade no pós-modernismo, ao questionar as fronteiras entre essas categorias e ao sugerir que todas as formas de representação são construções contingentes e mutáveis.

nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas (Mãe, 2010 p. 192).

Essa cultura pós-moderna interroga e problematiza o tempo “de dentro para fora” (Hutcheon, 1988). Este conceito recente enfatiza a importância das experiências subjetivas do tempo e desafia as noções tradicionais de narrativas lineares, concentrando-se nas experiências subjetivas do tempo, explorando como ele é percebido e vivido pelos indivíduos em vez de simplesmente seguir uma linha temporal objetiva. Como observa a autora, “O pós-moderno não marca uma mudança utópica radical nem uma triste queda para simulações hiper-reais. Não há – ou ainda não – nenhuma ruptura” (Hutcheon, 1988, p. 16). Assim, a presença de termos negativos, a exemplo de “lacuna, desconexão, deslocamento, descentralização, indeterminismo

e anti utilização”, torna-se recorrente nas definições emergentes do pós-modernismo (Hutcheon, 1988, p. 22).

Essa perspectiva explica por que Silva desenvolve uma visão complexa e reflexiva sobre as interações e reflexões ao longo da narrativa. Para ele, a modernidade representa um período de transformações que impactam a sociedade, as relações humanas e a própria noção de identidade. Silva questiona valores tradicionais e estruturas pré-estabelecidas, indagando como a modernidade influencia as formas de conexão, relacionamento e identificação das pessoas. Sua percepção da modernidade parece envolver uma sensação de desconexão, vulnerabilidade e busca por significado em um mundo em constante mudança e fragmentação.

A modernidade trouxe consigo avanços tecnológicos, progresso material, transformação nas relações interpessoais, reconstrução de laços afetivos e a busca por um sentido de pertencimento em meio a uma realidade complexa. Em um cenário ambíguo, com oportunidades e desafios, a família tradicional, a amizade e a identidade são reavaliadas e redefinidas de acordo com as mudanças sociais e culturais que caracterizam esse período histórico.

Hutcheon (1991) admite também que o pós-modernismo não sinaliza uma mudança radical utópica: “Há ou ainda não há ruptura”. Portanto, a presença de termos negativos como “Descontinuidade, fragmentação, repressão, descentralização, imprecisão e anti totalização” são necessários para descrever as características da pós-modernidade e das obras de arte pós-modernas.

estávamos escondidos de todos, eu e a minha mulher morta que não me diria mais nada, por mais insistente que fosse o meu desespero, a minha necessidade de respirar através dos seus olhos. a minha necessidade vital de respirar através do seu sorriso. eu e a minha mulher morta que se demitia de continuar a justificar-me a vida e que, abraçando-me como podia, entregava-me tudo de uma só vez. e eu, incrível, deixava tudo de uma só vez ao cuidado nenhum do medo e recomeçava a gritar (Mãe, 2011, p. 35).

Primeiramente, a ruptura de Silva é reinterpretada por estar “escondido de todos”. Ter que lidar com a morte recente de sua esposa lhe causou uma ruptura de valores e desestabilidade emocional. As características da pós-modernidade e a experiência de Silva refletem essa desconstrução das narrativas tradicionais de coerência e continuidade.

Ademais, o desamparo e a busca por significado através do outro, mesmo após a morte, apontam para a descentralização do sujeito e a multiplicidade de vozes e interpretações na cultura pós-moderna. O desespero e o abandono refletem a complexidade e a ambiguidade que caracterizam a arte e a sociedade pós-modernas. Portanto, a citação de Silva é um exemplo de

como a pós-modernidade questiona e subverte os valores modernos de coerência, abrindo espaço para interpretações múltiplas na construção do significado da obra.

Consequentemente, a pós-modernidade questiona esses valores e adota uma postura mais fragmentada e plural. A obra pós-moderna também pode apresentar múltiplas vozes narrativas⁶ e uma falta de conclusão definitiva. Contudo, a descontinuidade é uma característica da cultura pós-moderna que se manifesta na forma de narrativas fragmentadas e não-lineares, que desafiam a ideia de uma narrativa coesa e coerente. “[...] somos cada vez mais conscientes da natureza contraditória do pós-modernismo, que instala e logo subverte os conceitos que questiona, usa e abusa” (Hutcheon, 1988, p. 19).

Neste trecho, “O chamuscado das paredes ficara silente. Enfim, era tudo muito calado onde se esperava a morte, até o que se dizia perdia sentido e funcionava apenas como uma reverberação do silêncio, coisa nenhuma, coisa rigorosamente nenhuma.” (Mãe, 2010 p. 58), a descrição do ambiente silencioso e sombrio reflete a atmosfera de espera pela morte, criando uma sensação de quietude e desolação. A imagem do “chamuscado das paredes” sugere um local marcado por tragédias ou eventos perturbadores, onde a presença da morte é iminente e palpável.

A ideia de que "até o que se dizia perdia sentido" ressalta a falta de significado e a inutilidade das palavras em um contexto tão sombrio e opressivo. O silêncio se torna dominante, anulando qualquer tentativa de comunicação ou expressão, transformando as palavras em meros ecos do vazio e da desesperança que permeiam o ambiente.

Assim, a relação entre a descrição do ambiente silencioso e desolado, onde as palavras perdem sentido, e a discussão sobre a fragmentação e pluralidade na cultura pós-moderna pode ser estabelecida através da ideia de descontinuidade e subversão das narrativas tradicionais, que buscam dar voz a diferentes perspectivas e experiências, desafiando as estruturas narrativas convencionais.

Em seu livro *Poética do Pós-modernismo*, a autora propõe desarticular as teorias e narrativas totalizantes, mostrando que os discursos do pós-modernismo têm foco nas minorias, nomeadas por ela de “excêntricas”, pois estão fora do centro narrativo da maioria social, e não quantitativa. Na contemporaneidade, as obras literárias se relacionam com vários campos do saber.

⁶ No que respeita a esse tema, convém destacar: primeira pessoa, que participa da história; segunda pessoa, o narrador narra a cena do ponto de vista de uma só personagem e escreve como se o leitor fosse essa personagem; terceira pessoa, o narrador observador, que apenas narra o que vê; e há também o narrador onisciente, que tem total conhecimento dos personagens e fatos.

A autora reitera que a pós-modernidade traz a ideia de problematização de discursos oficiais. A cultura erudita é aquela que, em uma escala social, vem dos grupos de elite, autodenominados os únicos detentores da cultura “verdadeira” e, portanto, considerada superior. Essa cultura é passada de geração em geração, sempre obedecendo aos interesses políticos e pessoais dos grupos dominantes.

Enquanto na pós-modernidade começam a surgir movimentos que tentam de modo reiterado desestabilizar, ainda que não intencionalmente, essa cultura clássica e erudita, com a intenção de também dar palavra e voz a outras culturas e pessoas de diversas camadas sociais. Esse processo convida à reflexão sobre os discursos que tentam definir a sociedade

Portanto, o movimento pós-moderno enfatiza a importância da diversidade cultural e de perspectivas, questionando as grandes narrativas universalizantes e rejeitando visões homogêneas da cultura e da sociedade. Esses movimentos e estudos valorizam a pluralidade de perspectivas e abordagens, reconhecendo os desafios enfrentados por diferentes grupos e defendendo que sejam tratados de forma adequada e sensível às suas necessidades.

Além disso, a presença de uma visão pluralista reflete a valorização de irmandade e de diferentes experiências humanas “[...]distribuímos a solidão uns pelos outros. distribuída assim, a solidão de cada um entregue ao outro, era tanto quanto família. era uma irmandade de coração, uma capacidade de se ser leal como nenhuma outra”. (Mãe, 2010 p. 58) Dessa forma, enfatiza-se a importância da voz e da representação das pessoas marginalizadas e oprimidas, que buscam incessantemente ser ouvidas, mesmo que para isso precisem desafiar e transformar as estruturas de poder desiguais e injustas que perpetuam a opressão.

Para efeito de contraponto e sem a intenção de soar anacrônico, ao retornar ao século XVIII, é possível citar o Iluminismo, que passou a considerar a história como um discurso profundamente imparcial. Durante esse movimento o discurso histórico ganhou esse viés equânime, sobretudo porque passou a ser aceito como discurso científico.

Constata-se, assim, a construção de uma certeza sobre a história, uma vez que se acreditava que o enunciado do discurso representava os fatos ocorridos, consolidando uma imagem da sociedade e dos valores iluministas. No entanto, no século XX, um pouco na contramão desse pensamento, encontra-se a importante figura de Freud, que começou a observar a existência de uma parte conhecida e outra desconhecida do ser humano: o consciente e o inconsciente. Freud desafiou, desse modo, a visão objetivista da modernidade e, ainda que de forma não intencional, abriu caminho para o pensamento pós-moderno.

De fato, muitos aspectos do pensamento freudiano encontram eco no pós-modernismo, que também enfatiza a relevância da subjetividade e da multiplicidade de perspectivas. O pós-modernismo rejeita a ideia de uma verdade universal e objetiva, defendendo que a realidade é construída por meio de práticas sociais e discursivas, as quais são moldadas por fatores culturais, históricos e políticos. De maneira similar, a teoria psicanalítica de Freud reconhece que a mente humana é moldada por forças subjetivas e inconscientes, influenciadas por fatores pessoais e culturais.

Além disso, tanto o pós-modernismo quanto a teoria psicanalítica de Freud reconhecem a importância da linguagem e da narrativa na construção da realidade. Para os pós-modernos, a linguagem é uma forma de poder que molda nossas percepções e identidades, enquanto para Freud, a linguagem é uma forma de acesso ao inconsciente e ao significado simbólico de nossas experiências; embora ele não fosse um pensador pós-moderno, suas ideias desafiaram as noções objetivistas da modernidade e abriram caminho para o pensamento subjetivista e pluralista do pós-modernismo. Assim, em diálogo com o que viria no século XX, com a pós-modernidade, Freud fragmentou a nossa percepção sobre o sujeito e inseriu uma dúvida sobre os discursos construídos pelo homem e, evidentemente, isso impactou no discurso histórico. Logo, os estudiosos começaram a enxergar essa subjetividade, o que não era possível até então (Birman, 2003).

É importante ressaltar, contudo, que existem diferenças entre o pensamento de Freud e o pós-modernismo. Enquanto o psicanalista austríaco acreditava na existência de leis universais da psique humana, o pós-modernismo enfatiza a multiplicidade de perspectivas e a impossibilidade de uma verdade única e objetiva. Além disso, o pós-modernismo questiona a visão freudiana de que a psique humana é regida por forças biológicas universais, argumentando que a experiência psicológica é fortemente influenciada por fatores sociais e culturais.

Vattimo, filósofo e político italiano e um dos expoentes do pós-modernismo europeu, defende que a pós-modernidade se caracteriza pela crise das metanarrativas da modernidade e pelo declínio da objetividade e da certeza. Segundo ele, “a pós-modernidade é caracterizada pela perda da certeza e pela instabilidade” (Vattimo, 1996, p. 9).

De acordo com Vattimo, o “pensamento fraco⁷” vem de uma reflexão que reconhece a fragilidade das certezas e das verdades absolutas, que valoriza a pluralidade, a diferença e a subjetividade.

No texto, a partir do excerto: “nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta.” (Mãe, p. 72). Sugere-se que a psique não é apenas moldada por fatores biológicos, mas também por interações sociais e pela necessidade de conexão com os outros. As relações interpessoais e o contexto social desempenham um papel crucial na formação da identidade e na experiência emocional, desafiando a visão reducionista de que a psique é governada apenas por forças biológicas.

Para o filósofo, o “pensamento fraco” representa uma resposta à crise das metanarrativas da modernidade, que buscavam explicar o mundo de forma objetiva e universal. Ele argumenta, ainda, que a pós-modernidade é uma época de “desconstrução”, na qual os valores e verdades da modernidade são questionados e desafiados. Vattimo considera essa desconstrução uma forma de libertação, pois permite a emergência de novas vozes e perspectivas, anteriormente marginalizadas pela visão dominante. Para ele, a pós-modernidade constitui uma era de transformação e de possibilidades, na qual o pensamento fraco pode contribuir para a criação de novas formas de vida e convivência.

De forma concisa, o pensamento fraco é uma resposta ao niilismo e à crise das metanarrativas da modernidade, sendo, portanto, característico da cultura pós-moderna.

Ele defende que essa forma de pensamento se trata de libertação e de possibilidade, que valoriza a pluralidade, a diferença e a subjetividade. Desse modo, a Pós-Modernidade é marcada pela crise da noção de Ser como fundamento, dessa forma, o pensamento não possui a força necessária para firmar-se como um referencial estável, tornando-se fraco. Mais do que uma simples constatação o *pensiero debole*, ou pensamento fraco, é o caminho que a humanidade pós-moderna precisa percorrer para superar o domínio aprisionador da metafísica.

A argumentação pós-moderna está centrada na relação entre poder e conhecimento, uma vez que é marcada pela crise da noção de ser como fundamento, por conta disso, o pensamento não possui a força necessária para firmar-se como um referencial estável, tendo em vista que na pós-modernidade busca-se ouvir, de fato, as vozes silenciadas ao longo do tempo, intituladas

⁷ Vattimo argumenta que se vive em uma sociedade cada vez mais marcada pela diversidade cultural, pela fragmentação e pela incerteza, o que requer uma abordagem filosófica que leve em consideração a complexidade do mundo contemporâneo (Vattimo, 1992).

por Linda Hutcheon de “excêntricas”⁸, pois elas estão fora do centro e desejosas de construir um novo discurso histórico; o discurso daqueles que foram silenciados na história oficial.

No entanto, ainda que a ideia seja a pluralidade, não existe uma “aceitação das diferenças” na pós-modernidade, pois estas foram colocadas no centro do debate intelectual, motivado, principalmente, pelo reconhecimento das múltiplas identidades que o indivíduo pode assumir. Na modernidade, o debate restringia-se à identidade política do indivíduo. A pós-modernidade, por sua vez, propõe uma quebra dessa identidade monolítica - centrada no homem político, masculino e branco -, e em seu lugar promove uma fragmentação identitária. Então, essas vozes marginais, ou “vozes excêntricas”, vão entrar no campo literário por meio da Metaficção historiográfica, da paródia e da intertextualidade⁹.

Como será discutido adiante, ao questionar-se a veracidade das narrativas históricas, inicia-se um movimento de revisitação da história, cujo discurso é construído em torno da subjetividade e parcialidade. Essa reinterpretação acontece por meio de elementos interpessoais que vão ressignificar e rebater os discursos históricos estabelecidos. Além disso, a memória, embora predominante no âmbito individual, também se relaciona com a dimensão memorialística coletiva.

O discurso construído por meio da ressignificação das memórias permite que o narrador sempre conte a sua versão, ou seja, a visão do até então excluído, que não tinha guarida na considerada história oficial. Dessa forma, consegue-se identificar a relevância do estudo da obra. A continuidade das reflexões sobre o pós-modernismo na literatura se dá de modo circunscrito, ou seja, pretendeu-se entender como se construíram esses períodos.

Desde os primeiros momentos em que os filósofos começaram a observar o mundo e a humanidade, surgiram tentativas de criar definições para compreender as transformações ocorridas no tecido social. Ao longo da história, observa-se um esforço contínuo, especialmente da ciência, para acompanhar e entender o ser humano em sua totalidade. À medida que discursos foram construídos a esse respeito, tornou-se evidente que os seres humanos modificam o meio e, de certo modo, intervêm na própria história.

Se até o presente parágrafo a escrita concentrou-se na pós-modernidade, a partir de agora propõe-se discutir a memória própria do romance, objeto deste estudo, cuja articulação ocorre

⁸ A expressão refere-se a características que se afastam das normas estabelecidas, buscando explorar novas possibilidades estéticas, narrativas e culturais, em um novo discurso histórico.

⁹ Uma estratégia literária que permite aos autores explorar questões de autoria, originalidade, tradição e transformação na literatura pós-moderna.

entre as memórias do coletivo, ou seja, do conjunto de personagens, e do próprio narrador, o senhor António Jorge da Silva, de 84 anos, que incorpora sua experiência individual. Quando Silva, o personagem central, passou a rememorar sua vida, o romance se condicionou à deriva entre as estações da vida, na transformação do ser consciente na solitude do ócio, encontrando-se, então, na representação da memória, que oscilava pela inconstância do luto por sua esposa.

As manifestações recorrentes da memória no romance revisitam a história, ao oferecer nova percepção e versão dos fatos ocorridos durante a ditadura de Salazar. O narrador, personagem central, indaga sobre o território português marcado pelos dilemas do regime ditatorial, uma vez que parte de sua vida foi vivida sob a influência do Regime Salazarista. Silva recorre à memória para encontrar a lógica dos acontecimentos, e à medida que o tempo passa, o romance tem uma progressão diferente da extraordinária tristeza, especialmente quando comparada às páginas iniciais.

um dia estamos desconfiados de tudo, e no outro somos os mais pacíficos pais de família, tão felizes e iludidos. e podemos pensar qualquer atrocidade saindo à rua como se nada fosse, porque nada é. as ideias, meu amigo, são menores nos nossos dias. não importam. as liberdades também fazem isso, uma não importância do que se pensa, porque parece que já nem é preciso pensar. sabe, é como não termos sequer de pensar na liberdade. é um dado adquirido, como existir oxigênio e usarmos os pulmões. não nos hão de convencer que volte a censura, qualquer tipo de censura, isso seria uma desumanidade e agora somos europeus (Mãe, 2011, p. 25).

O contexto histórico de Portugal moldou o pensamento sobre a nação, e o estado de isolamento durante 41 anos ininterruptos continua sendo um grande problema atualmente, principalmente, considerando os grupos que desejam que esse passado volte a ocupar o cenário. Assim, a arte do pós-modernismo subverte o texto histórico, mas não o rejeita. Isso ocorre porque, segundo Hutcheon (1988, p. 34), a história não se tornou obsoleta: “no entanto, ela está sendo repensada – como uma criação humana”.

Dessa forma, a voz de Silva¹⁰, ainda que enfraquecida pelos seus 84 anos, apegase ao passado, defendendo suas memórias e buscando recuperá-las, pois ainda há tempo para reviver. Trata-se de um retorno nostálgico, manifesto no luto e guiado por seu inconsciente. Silva anseia por reflexão; ele se recolhe e silencia, guardando para si toda a dor que o atormenta. O que é essencial para Silva são suas memórias que estão longe de serem pronunciadas. Quando se vê

¹⁰ António Jorge da Silva, um idoso de 84 anos que, após perder sua esposa Laura, é levado por sua filha para viver em um asilo.

sozinho em um quarto de uma casa de repouso, acrescenta a essa tristeza a perda da liberdade. Ao chegar no Lar Feliz Idade, o narrador e personagem central observa o espaço fechado do asilo, o que lhe evoca a sensação de cárcere privado: “o quarto pequeno é todo ele uma cela, a janela não abre e, se o vidro se partir, as grades de ferro antigas seguram as pessoas do lado de dentro do edifício” (Mãe, 2010, p. 38).

A decepção reflete-se no aprisionamento da personalidade de Silva em um “não lugar”, transformando sua experiência individual em uma representação coletiva. Deixaram-no ali com apenas dois sacos de roupas e um álbum de fotografias, entregue posteriormente, com a intenção de não lhe causar maiores sofrimentos; em seu lugar, colocaram uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, com a esperança de que Silva, ao longo do tempo, adquirisse um credo religioso.

No entanto, os paradoxos do pós-modernismo são evidentes nessas representações, em relação à distinção entre arte de elite e popular¹¹, que foi ampliada pela cultura de massa. Esses romances híbridos mesclam características de diferentes formas narrativas, utilizando-se de forma paródica as convenções da literatura popular e de elite, contestando os processos de comercialização da cultura. Além disso, eles abordam e subvertem a fragmentação da cultura elitista ao recorrer a discursos históricos, sociológicos, teológicos, políticos, econômicos, filosóficos, semióticos, literários e críticos. A metaficção historiográfica¹² reconhece que o pós-modernismo atua dentro de uma complexa rede institucional e discursiva que engloba culturas de elite, oficial, de massa e popular. Portanto, não buscam dissimular uma unidade oculta, mas são a base dos discursos problematizados dessa corrente.

No romance, é possível questionar a noção de uma história única e linear, enfatizando a multiplicidade de perspectivas e narrativas históricas. A historiografia tradicional é problematizada e novas abordagens, como a metaficção historiográfica, são exploradas para desafiar e desestabilizar as narrativas históricas dominantes. Nesta perspectiva, cumpre analisar o tempo fictício, formado por discursos políticos e ideológicos: a pós-modernidade problematiza as ideologias políticas e os sistemas de poder dominantes. A ênfase do livro recai sobre a crítica ao totalitarismo, autoritarismo e às estruturas opressivas de Estado, buscando explorar alternativas e formas mais igualitárias de organização social, questão fundamental para se compreender o romance.

¹¹ A relação entre a cultura de elite e a cultura popular, questionando as hierarquias e os preconceitos inerentes à essa dicotomia, é abordada por Terry Eagleton, um teórico literário britânico, e pelo contemporâneo americano Frederic Jameson.

¹² O termo foi cunhado por Linda Hutcheon em seu livro *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction* (1988).

nem cartas e nenhuma visita, o assunto ficava arrumado, que aquilo por Lisboa não era pêra-doce e a sua cabeça não dava para se pôr de pai de toda a gente. no dia quinze de janeiro de mil novecentos e vinte e oito o João Esteves só parecia um homem despreocupado e aligeirado porque a juventude dos seus vinte anos lhe limpava a face mesmo após as noites mal dormidas. (Mãe, 2010 p. 59).

Neste trecho, João Esteves, em sua jovialidade, é leve e despreocupado com a vida, mesmo após noites mal dormidas. Vive isolado, pois não recebe cartas nem visitas; carece de conexão social. A expressão “aquilo por Lisboa não era pêra-doce” sugere que a vida em Lisboa não era fácil ou agradável para João Esteves.

Essas contradições na caracterização do personagem não podem ser desfeitas e têm sido a fonte de energia intelectual que impulsiona as novas articulações da situação pós-moderna. No entanto, é necessário reconhecer que essa posição, em si, é uma ideologia profundamente comprometida com aquilo que pretende teorizar. Portanto, uma poética do pós-modernismo deve ser autoconsciente, estabelecendo a contradição metalinguística de estar dentro e fora, de ser cúmplice e distante, de registrar e contestar suas próprias formulações provisórias. Esse empreendimento não busca uma verdade universal, mas sim o reconhecimento do valor das diferenças e das contradições como um primeiro passo experimental para aceitar a responsabilidade da arte e da teoria como processos significativos. Ainda assim, é preciso estudar as implicações de nossa relação com a cultura, a produção e o sentido ao qual ela se identifica.

Por outro lado, a proposta de Hutcheon sobre o que é pós-modernismo se estrutura em torno do conceito de processo. De outro modo, é, ao mesmo tempo, arte e crítica, dado que traz dentro de si a consciência de sua existência enquanto logos, ela descentraliza o discurso humanista estabelecido, mas não o substitui. Sua função é propositiva, não demolidora. Autorreflexivas, as narrativas do pós-modernismo agem para que “os paradoxos do pós-modernismo passem a ser visíveis e até mesmo definitórios” (Hutcheon, 1991, p. 36)

A proposta de olhar o passado para entender o presente passa por compreender como este passado chegou até o presente momento a partir de vários processos. No contexto do personagem Silva, que representa aspectos profundos de luto, memória e ficção na pós-modernidade, seu enredo se entrelaça com as reflexões apresentadas anteriormente. Em *A Máquina de Fazer Espanhóis*, Silva personifica a complexidade da experiência humana em

uma era pós-moderna, onde a realidade é frequentemente confrontada com incertezas e ambiguidade.

Diante dessa euforia no plano da absoluta lógica histórica, nos preparamos para prosseguir vindos de um passado ainda cheio de incógnitas. Sabemos que não possuímos realmente nada, tudo são memórias, que não passam de um grande castelo de cartas, pronto para ruir a qualquer momento com um sopro, levando pela ventania todos os nossos devaneios. Apenas uma única coisa não poderia nos ser tirada: a ironia do futuro que não sabemos e a alegria de nossa alma ao sucumbir no passado, em nossas memórias.

2.2 Sobre o Conceito de Memória

Aqui começamos a adentrar no terreno do “fato” e da memória, pretendemos analisar a memória no romance contemporâneo de Mãe em *A máquina de fazer espanhóis*. O autor segue uma tendência da pós-modernidade, ao trazer do tecido histórico matéria para a construção ficcional, salientando que a memória é um elemento norteador para as construções sociais.

ficámos um instante a perscrutar o exterior como se quiséssemos que enfim desabasse aquele céu pesado, mas não aconteceu nada. o homem interrompeu o silêncio para me explicar que também se chamava silva. cristiano mendes da silva, e eu imediatamente pensei em nós dois como a frente e o verso, eu, antónio jorge da silva, e ele, o silva da europa, o peito inchado de orgulho como se tivesse conquistado tudo sozinho. continuou, somos todos silvas neste país, quase todos. crescemos por aí como mato, é o que é. como as silvas. somos silvestres, disse eu, obrigado a sorrir já como quem suplica uma trégua (Mãe, 2010 p. 15).

Quando Silva menciona “somos todos Silva neste país”, ele está fazendo uma reflexão mais ampla sobre a identidade e a condição compartilhada pelos habitantes.

A afirmação remete a uma ideia de coletividade, independentemente dos nomes individuais, ressaltando a ideia de que fazemos parte de uma comunidade, compartilhando tudo em comum. Então, o nome “Silva” é interpretado como uma representação simbólica de um cidadão comum, sem distinções de classe social, origem ou status, enfatizando a ideia de igualdade e pertencimento a uma nação.

A citação menciona a ideia de que o consenso pode se tornar uma ilusão, especialmente em uma sociedade marcada pelo capitalismo recente, onde diferentes manifestações culturais

(sejam eruditas ou populares) são influenciadas por discursos sociais diversos. No contexto do livro, essa reflexão pode ser relacionada à complexidade das relações humanas e das identidades individuais dos personagens.

Observa-se no romance que a narrativa vai indicando questões existenciais, dilemas morais e conflitos internos que refletem as transformações sociais e culturais da sociedade contemporânea. A diversidade de perspectivas, experiências e discursos presentes no livro pode ser interpretada como uma representação das vozes e narrativas que coexistem em um contexto pós-moderno, onde se reflete sobre o consenso ilusório, as manifestações culturais e a estruturação social por meio de múltiplos discursos.

Em nosso tempo, as narrativas pós-modernas passaram a posicionar-se dentro do discurso histórico, mantendo, contudo, sua autonomia como ficção. Nesse sentido, os intertextos históricos emergem para reelaborar parodicamente o passado textual do mundo, resultando em uma reinterpretação contínua do discurso histórico. Estabelece-se, assim, uma sistematização em que o passado intertextual se torna parte integrante da estrutura ficcional, refletindo sobre eventos passados que só podem ser conhecidos por meio de textos literários ou históricos.

Silva, o personagem central do romance, narra sua própria história. Ele conhece o peso do esquecimento e deseja preservar suas memórias mais preciosas: as lembranças de sua amada Laura. Por isso, luta contra o esquecimento de Laura ao ser colocado, contra sua vontade, em um asilo chamado Lar da Felicidade. Os habitantes do local o recebem com simpatia, enquanto Silva reflete insistentemente sobre o que deve fazer para não se esquecer de seu passado. A postura de Silva remete ao discurso proustiano, evocado pela famosa referência ao bolinho *madeleine* de Proust¹³. A imaterialidade do tempo encontra na representação da memória a ferramenta mais eficaz para se compreender a história.

Na abordagem deste tema, cabe apresentar um breve recorte com o objetivo de refletir sobre a vida, os costumes e o cotidiano do homem moderno, além de explorar diferentes contextos. Silva articula em torno de si sua experiência e memória individual, integrando também elementos da memória coletiva. Como é possível observar, o personagem, no capítulo inicial, “O fascismo de bons homens”, vê a sociedade e os historiadores como uma entidade de

¹³ O termo original é “A Madeleine de Proust”, que se refere a uma expressão da literatura e folclore francês, que tem sua origem na obra *À la recherche du temps perdu* (*Em Busca do Tempo Perdido*), do escritor francês Marcel Proust, cujo significado são memórias involuntárias, em conversas ou escritos, que dizem respeito à uma experiência sensorial desencadeadora de lembranças ou emoções significativas do passado.

memória cultural. Dali em diante, as pessoas do Lar irão dividir as tarefas da memória cultural entre si, porque todos vão se ocupar para que a memória ganhe espaço na história. Isso exerce um poder construtivo na identidade cultural e na memória.

o senhor pereira levantou-se e foi-se embora. entrou para o lar. estivemos uns segundos em silêncio sem atrevimento para uma palavra e, subitamente, o homem assomou novamente à porta e vociferou, é um cancro, minha senhora, qualquer pessoa sabe que um cancro é a pior doença que se pode ter, entendeu, imagine que essas facas lhe estão a entrar pelo cu, está a ver, minha senhora, pelo cu. depois chegou mais próximo e continuou, a gente fica sentado e tem a sensação de que o buraco do cu está vivo, põe-se a mexer e a remoer ideias. (Mãe, 2010, p. 175).

O personagem Sr. Pereira expõe sua dolorosa doença terminal, o câncer, utilizando uma linguagem grotesca para descrever a gravidade da situação. Ele sente um intenso desconforto na região afetada e reflete sobre remoer memórias amargas; não demonstra empatia por sua própria condição, pois foi moldado por lembranças que o tornaram insensível.

Nem tudo, porém, são dores e perdas. Ao contextualizar a personagem¹⁴ do romance, observa-se com propriedade que Silva se identifica com a ideia ilusória da retrospectiva de vida e do descanso na velhice. No entanto, o eu lírico direciona seu olhar para uma visão idealizada da recordação, momento em que a culpa e a angústia não têm mais espaço. Essa transformação revela que a recordação individualizada pode ser um processo libertador, especialmente porque o esquecimento e a perda são abandonados. Essa perspectiva enfatiza a importância de abraçar uma visão mais positiva da recordação, livre de amarras e marcada pela redenção pessoal.

Hutcheon aborda a relação entre o fato histórico e a memória, explorando como o pós-modernismo desafia sistematicamente as narrativas históricas tradicionais e destaca a importância da ironia e da paródia na construção da memória coletiva. Hutcheon também questiona a noção de um único e objetivo fato histórico, argumentando que toda representação do passado é mediada e interpretada mediante uma lente subjetiva. Ela destaca que a memória coletiva é construída por meio de narrativas influenciadas pelas perspectivas individuais e pelo contexto social e cultural em que são produzidas.

Uma das principais contribuições de Hutcheon é a ênfase na ironia como uma ferramenta importante para desestabilizar as narrativas históricas dominantes. Ela argumenta que esse

¹⁴ Para Antônio Candido, independente de gênero, isto é, se masculino ou feminino, a personagem fictícia ou ficcional refere-se a qualquer *persona* que apareça num trabalho ou livro e são criados pela imaginação do autor que os escreveu, podendo ou não ser inspirados em pessoas reais.

recurso desafia a ideia de uma verdade histórica fixa e única, permitindo que diferentes interpretações e vozes sejam consideradas. Através da ironia, a memória coletiva é constantemente revisada e reavaliada, questionando, assim, a autoridade das versões oficiais da história.

Sendo assim, Hutcheon destaca a importância da paródia na desconstrução das narrativas históricas. Através da imitação e subversão dos estilos e convenções históricas, a paródia revela as contradições e ambiguidades inerentes à construção da memória. Ela desafia as noções de autenticidade e objetividade, desestabilizando as narrativas estabelecidas e abrindo espaço para perspectivas incomuns. Ainda segundo a autora, o que é atravessado pelo olhar do outro reconhece que a ironia e a paródia não negam completamente a possibilidade de se chegar a algum entendimento do passado.

Conforme o trecho: “há uma manifestação mínima que é como a comunicação possível com quem já não comunica, com quem já não existe, mas deixa uma pobre memória ali materializada do que foi”. (Mãe, 2010, p. 83), observa-se que, mesmo não estando presente fisicamente, a comunicação é possível, uma maneira de se conectar com as lembranças ou vestígios deixados por ela. É uma reflexão sobre a importância da preservação dos laços emocionais, mesmo após a morte.

As recordações não invalidam a importância do fato histórico, mas sim, enfatizam que a compreensão desse fato é sempre mediada e interpretada. A memória coletiva não é uma simples reconstituição do passado, mas uma construção contínua e fluida que reflete os contextos presentes e as necessidades do presente.

Desta forma, ressuscitam-se lembranças e enterram-se, definitivamente, esquecimentos, em função da reflexão a partir do outro. A memória coletiva oferece uma perspectiva inovadora para compreender a relação entre o fato histórico e a memória, desafiando as noções tradicionais de objetividade e verdade na história, argumentando que a memória coletiva é construída através de narrativas complexas e sujeitas a interpretações diversas. A ironia e a paródia são ferramentas fundamentais para questionar as narrativas estabelecidas e abrir espaço para perspectivas alternativas, permitindo, assim, uma compreensão mais crítica e pluralista do passado.

Nas palavras de Portoghesi (1983, p. 7 *apud* Hutcheon, 1991, p. 63):

Essa recuperação da memória, após a amnésia forçada de meio século, se manifesta nos costumes, na indumentária [...], na difusão em massa de um

interesse pela história e por seus produtos, na necessidade cada vez maior de ter experiências contemplativas e contato com a natureza, necessidade que parecia uma antítese para as civilizações das máquinas.

No trecho acima, observa-se uma reflexão sobre um passado reconsiderado. Busca-se identificar os aspectos dessa experiência passada com análise retrospectiva. Portanto, tanto o passado quanto o presente são avaliados e interpretados à luz um do outro, estabelecendo um diálogo crítico entre as duas temporalidades.

2.3 Sobre o Conceito de Identidade

O autor destaca a importância dessa realidade atomizada e plural. Fazendo as ligações sinápticas, constroem-se conhecimentos através dessas conexões que o cérebro realiza, tornando possível a mudança de identidades pessoais enquanto sujeitos integrados.

Esse duplo deslocamento-descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma 'crise de identidade' para o indivíduo. Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, 'a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza' (Mercer, 1990, p. 43 *apud* Hall, 1992, p. 9).

A identidade cultural humana é fragmentada e descentrada, o que bem explica o percurso histórico que causa essa fragmentação. Ainda de acordo com Hall, o sujeito se divide em função de três linhas de pensamento histórico: iluminismo, sociológico e pós-moderno. O fato de viver na pós-modernidade não significa que os outros tipos de sujeitos estejam totalmente superados de ideias anteriores, haja vista que se convive com pessoas formadas a partir de diferentes temporalidades. Então, percebem-se as facetas que são características do sujeito sociológico e iluminista: “numa concepção de indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia” (Hall, 2006, p. 10-11).

tudo era para que não praticássemos cidadania nenhuma e no porta semos apenas como engrenagem de uma máquina a passar por cima dos nossos

ombros, complexa e grande demais para lhe percebermos o início, o fim e o fito de cultivar a soberba de um só homem. tudo contribuía para essa cidadania de abstenção, para que apenas a recebêssemos por título honorífico enquanto prosseguíssemos sem manifestação. como se humilham as mulheres enquanto homens honorários, nós éramos gente exclusivamente por generosidade do ditador. portei-me como tal. um mendigo de reconhecimento e paz. fui, como tantos, um porco (Mãe, 2010 p. 141).

Podemos observar que o trecho apresenta uma crítica a um regime opressivo e ditatorial que desencorajava a prática da cidadania ativa. Descreve como os indivíduos eram reduzidos a meras engrenagens de uma vasta máquina, controlada por um único líder, sem outro propósito senão alimentar sua própria soberba. A cidadania era meramente honorária, as mulheres eram humilhadas, e o narrador, Silva, percebia-se como um mendigo, reconhecendo sua submissão ao sistema de forma degradante, como um “porco”. Esse regime ditatorial desumanizava as pessoas, suprimindo suas capacidades de cidadania e agência individual.

O trecho contrasta uma concepção tradicional do sujeito individual unificado com uma crítica pós-moderna às forças sociais e políticas que ameaçam essa individualidade e cidadania ativa. No entanto, essa questão não é linear, o pós-modernismo vem mudando com a diversidade, e existe um viés para considerar, o que convida a refletir sobre o indivíduo sem trato pautado pela razão, porque aquele sujeito que começou a ser constituído a partir do ponto de vista do imaginário, que teve início no renascimento no século XV e XVI, momento em que a razão, o método científico e a ciência começaram a fundamentar e estruturar o indivíduo. Como Marx e Engels apontaram:

é o permanente revolucionar da produção, o abalar ininterrupto de todas as condições sociais, a incerteza e o movimento eternos [...] Todas as relações fixas e congeladas, com seu cortejo de vetustas representações e concepções, são dissolvidas, todas as relações recém-formadas envelhecem antes de poderem ossificar-se. Tudo que é sólido se desmancha no ar [...] (Marx; Engels, 1973, p. 70 *apud* Hall, 1992 p. 14).

Segundo Marx e Engels, as perspectivas do sujeito são individualistas, centradas, reunificadas e dotadas da razão. Um sujeito sociológico, formado na relação com outras pessoas, consciente da autonomia e da não autossuficiência, é aquele sujeito que percebe que ele é o que é por conta do outro. Não é ele que se identifica e se constrói a partir do outro? Ou seja, para ele ser bom, ele deveria se comparar a alguém tão bom quanto e vice-versa. Então, nessa perspectiva de depender do outro, outrora considerada, a ideia que o outro faz de si não é a ideia que se faz de si, adquirindo valores do núcleo interior. O sujeito pós-moderno é formado

por várias identidades, algumas, aliás, contraditórias e não muito bem resolvidas, porque “o núcleo interior do sujeito não era autônomo e autossuficiente, mas [...] formado na relação com ‘outras pessoas importantes para ele’, que mediavam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos – a cultura – dos mundos que ele/ela habitava” (Hall, 2006, p. 11).

Para Hall, um sujeito sem identidade fixa, essencial ou permanente é um sujeito com uma identidade em trânsito, muito favorecida pelo contexto contemporâneo pós-moderno de fragmentos, cujo avanço contemporâneo ocorre em função da morte desse sujeito moderno. Como consequência, algumas características do sujeito iniciadas no século XVI, a exemplo da ruptura com a Igreja Católica, a Reforma e o protestantismo, vieram libertar a consciência individual das instituições religiosas. Expuseram os indivíduos aos olhos dos seus, ou seja, em uma situação em que a igreja não seria mais a mediadora do texto sagrado de Deus.

Com o descentramento, a desarticulação das identidades do passado, a criação de novas identidades, uma vez que tomamos como exemplo a instituição religiosa, o religioso não poderia estar em contato direto com a obra sagrada. Com a reforma, o protestantismo prega que essa leitura da Bíblia deveria ser despertada e desenvolvida pelo próprio sujeito e não mais pela instituição.

Durante a Idade Moderna, quando o indivíduo viu-se fazendo uma leitura por si, graças ao investimento em processos de alfabetização, as vendas dos olhos caíram por terra, e então iniciou-se o processo de explorar as hipóteses ideológicas, o que se configurou num processo que colocou o sujeito no centro da própria mente, exaltando sua capacidade de pensar e raciocinar.

apanharam-me a chegar a casa e entraram para um café e umas horas de inquérito. eu não tinha informações, era apenas um barbeiro e, por mais que se converse numa barbearia, nunca se fala de outra coisa que não futebol, mulheres bonitas e doenças. e depois reiteraram a ideia, foram muito concretos, achavam que um cliente do meu estabelecimento estava na resistência, pertencia a uma oposição agressiva, de passar armas entre os malfeitores e atentar contra a ordem pública que era preciso preservar (Mãe, 2010 p. 140).

No fragmento, Silva, um simples barbeiro, é interrogado pelas autoridades com base na suspeita de que um de seus clientes estava envolvido com a resistência contra o regime ditatorial. Apesar de alegar desconhecimento sobre atividades ilegais, ele é pressionado pelas autoridades.

Esse episódio ilustra como, na visão de Hall, o indivíduo moderno se torna enredado nas maquinarias burocráticas e de controle do Estado moderno. O barbeiro, um cidadão inofensivo, é submetido à vigilância e suspeita por parte do aparato estatal.

Hall argumenta que essa é uma das forças que descentralizam e deslocam a concepção iluminista do sujeito individual totalmente unificado e autônomo. As estruturas de poder e autoridade estatal monitoram e controlam os indivíduos, solapando sua suposta liberdade e subjetividade essenciais.

O barbeiro não tem controle total sobre sua identidade - ele é visto pelas autoridades como potencialmente ligado à resistência, independentemente de sua real adesão ou não. Sua subjetividade é moldada por forças externas de poder.

Ao mesmo tempo, o trecho mostra os limites dessas forças descentralizadoras. O barbeiro reafirma seu papel aparentemente singelo e desvinculado da resistência. Sua identidade como mero barbeiro persiste apesar das suspeitas.

Dessa forma, o episódio narrado ilustra a tensão entre a antiga noção de sujeito essencializador e as forças modernas que descentralizam e fragmentam essa concepção, mas sem apagá-la totalmente, como argumenta Hall. É um embate constante entre centramento e descentramento do sujeito.

Todavia, todas essas reflexões e teorias que colocavam os sujeitos no centro de tudo, numa perspectiva renascentista, na pós-modernidade essa concepção vem sendo refutada, uma vez que o homem não é o centro. No entanto, cada pessoa é responsável pela sua própria descentralização de identidade. Por isso, debate-se, por exemplo, a questão em torno da sexualidade, formada com base em processos psíquicos e simbólicos. Por diferentes razões pode-se entrar em conflito com o inconsciente que não é de fácil acesso.

Silva reflete a sensação de despersonalização e desconexão com seu próprio corpo, comparando-se a pássaros que o deixaram sem corpo físico: “os pássaros deixaram-me sem corpo e a metafísica questionava o destino da minha identidade. para onde iria, o que seria de mim depois que o corpo me deixasse sozinho, o que seria de mim depois da morte. estava já tão habituado a imaginar-me depois da morte”. (Mãe, 2010 p. 129). Esse questionamento o leva a ponderar sobre o destino de sua identidade após a separação da materialidade corpórea pela morte.

Essa angústia existencial do autor em relação ao destino de sua consciência e identidade após a morte física dialoga diretamente com os conceitos de Hall sobre o descentramento do

sujeito moderno. Para ele a concepção iluminista e sociológica do sujeito individual como unificado, essencial e racional é desafiada por uma série de rupturas na experiência moderna. Uma dessas rupturas é justamente a ideia de que o indivíduo não é uma essência imutável, mas uma construção social mutável.

Ao questionar o destino de sua identidade após a morte corpórea, o autor está, na verdade, problematizando essa suposta essência imutável do “eu” individual. Ele expressa a incerteza sobre a continuidade de sua identidade e para onde ela irá ao se desvencilhar da materialidade do corpo físico. O trecho ilustra exatamente o descentramento do sujeito cartesiano proposto por Hall.

O sujeito não é mais visto como uma entidade autônoma, indivisível, racional e consciente em si. Sua identidade é colocada em xeque, podendo ser fragmentada, desconstruída e reconstruída constantemente.

O autor toca também na questão da linguagem como um "sistema social" que expressa nossa racionalidade, que não é determinada individualmente, mas por contextos sócio-históricos. Isso reforça a ideia de Hall de que a identidade é formada na interação entre o self e a sociedade, por identificações e não essência inata.

Portanto, as reflexões angustiantes do autor sobre sua identidade pós-morte corporificam os questionamentos pós-modernos à noção de um sujeito inteiro, unificado e imutável, evidenciando seu descentramento na experiência contemporânea, conforme proposto por Stuart Hall.

Para o historiador francês Michel Foucault, o poder disciplinar tem a finalidade de produzir um ser humano dócil, cuja intenção é regular a coletividade em primeiro lugar e em segundo o indivíduo. Colocando o indivíduo como parte de um todo.

Num regime disciplinar, a individualização é descendente. Através da vigilância, da observação constante, todas aquelas pessoas sujeitas ao controle são individualizadas [...] O poder não apenas traz a individualidade para o campo da observação, mas também fixa aquela individualidade objetiva no campo da escrita. Um imenso e meticuloso aparato documentário torna-se um componente essencial do crescimento do poder [nas sociedades modernas]. Essa acumulação de documentação individual num ordenamento sistemático torna ‘possível a medição de fenômenos globais, a descrição de grupos, a caracterização de fatos coletivos, o cálculo de distâncias entre os indivíduos, sua distribuição numa dada população’ (Dreyfus; Rahinow, 1982, p. 159, citando Foucault *apud* Hall, 1992, p. 43).

A percepção desse processo de memória individual e coletiva, igualmente argumentada a partir de Hall, é que a memória coletiva não se trata de um registro objetivo e imutável do passado, mas sim uma construção social e cultural. Ela é influenciada pelo contexto social, político e cultural de que emerge. Nesse sentido, o discurso histórico desempenha um papel crucial na construção e na negociação das narrativas de memória coletiva. Assim sendo, entende-se que o discurso histórico é responsável por selecionar, interpretar e representar eventos passados, estabelecendo, assim, uma versão oficial da história. No entanto, Hall ressalta que essa seleção e interpretação não são neutras, mas influenciadas por interesses e perspectivas políticas e culturais dominantes.

Da mesma forma, Hall destaca a importância de questionar e desafiar o discurso histórico dominante, buscando perspectivas alternativas e vozes subalternas. Ele enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar as memórias coletivas subalternas e marginalizadas, frequentemente excluídas ou suprimidas pelo discurso histórico hegemônico.

Ao relacionar a memória coletiva ao discurso histórico, Stuart Hall propõe a reflexão sobre como a construção das narrativas do passado afeta a compreensão do presente e a formação de identidades individuais e coletivas. Ele encoraja a considerar as implicações políticas e culturais das representações de memória coletiva e a buscar uma história mais inclusiva e plural. A história e o campo historiográfico, hoje, não têm nada a ver com a produção de uma verdade sobre o passado. O historiador se apropria de frações do passado e, a partir de vestígios, constrói uma leitura dos eventos.

As reflexões suscitadas através da leitura de Hall estabelecem conexão entre a obra *A Máquina de fazer Espanhóis*, de Valter Hugo Mãe. Os homens tecem suas identidades a partir da convivência com grupos e etnias, um homem segregado do resto será um homem solitário com uma identidade em trânsito, cuja natureza passa a ser fluida e em constante transformação. A obra apresenta dois paralelos na vida de Antônio José da Silva, que são: a perda da Laura, cuja tristeza nunca terminará; e o abandono por parte da família, que desencadeia o sentimento de rejeição por parte de seus filhos. Essa mesma ambivalência de depreciação causada pelas atitudes advindas das adversidades da vida é um sentimento doloroso.

No entanto, na ausência de tudo o que lhe era familiar a partir das experiências vividas, Silva apoia-se na percepção de suas memórias para preservar a única alegria que ainda lhe resta: sua identidade pessoal. Em outras palavras, para não se perder de si mesmo, surge das profundezas de sua alma o desejo de preservar essas lembranças. Segundo Hall, a memória é

um elemento fundamental na formação da identidade, uma vez que são as lembranças construídas pelos indivíduos que possibilitam a compreensão de si mesmos e de sua conexão com o passado, o presente e as projeções de futuro.

Contudo, dadas as condições sociais em que Silva se encontra, marcadas pelo abandono, luto e dor, ele observa suas peculiaridades e a volubilidade dominarem suas ações. Silva torna-se irracional em sua dimensão subjetiva, uma vez que passa o tempo isolado, imerso em memórias do passado. Nesse processo, ele torna-se seu próprio narrador e assume uma postura enciclopédica, recitando metodicamente os poemas de Fernando Pessoa. Assim, ele não apenas expõe o modo de ser de Pessoa, mas também se desenvolve como Narrador, tornando-se volúvel e distanciado da realidade que o cerca.

As memórias ecoam a perspectiva pós-moderna da incerteza e da desconstrução das narrativas tradicionais. Silva, como personagem, incorpora essa dualidade da experiência humana: a luta entre a busca por um futuro incerto e a nostalgia pelo passado, ambos moldados por nossas memórias e pela construção da nossa própria história.

Portanto, inserido nesse contexto literário, serve como um reflexo das complexas questões da pós-modernidade, onde a relação entre realidade, memória e ficção é fundamental para a compreensão da identidade humana e da maneira como navegamos em um mundo repleto de incógnitas.

No contexto do romance, a complexa natureza da identidade de Silva se torna um ponto focal. Silva é um personagem que encarna uma luta interna em relação às suas memórias e ao seu papel na sociedade. Em um ambiente histórico marcado pela influência de Antônio Salazar, Silva é confrontado com desafios que o distanciam de sua identidade “realística”. Ele se encontra em um processo de descoberta e transformação, refletindo sobre o que significa ser “um Silva da Europa”.

A ideia de identidade em evolução envolve a capacidade de aceitação e adaptação à mudança. Fala sobre a inevitabilidade da globalização e da unificação do mundo, em que todos se tornarão cidadãos de uma única Europa, algo que, na época do governo ditatorial de António Salazar, estava longe de acontecer. Isso sugere uma transição de identidades locais ou regionais para uma identidade global, destacando a complexidade da construção da identidade na pós-modernidade.

Dessa forma, passamos agora a interpretar a composição da identidade no romance.

eu sou um Silva da europa, isso é que ainda há muitos que não o são, só porque ainda não o aceitaram ou não o perceberam. mas, sabe o que lhe digo, é inevitável. vai chegar a todos. é tempo. é tempo. um dia seremos cidadãos de um mesmo mundo. Iguais, todos iguais e felizes nem que seja por obrigação. estamos alastrar, como nos compete, em um dia ainda deixaremos de ser silvestres, agrestes, isso de ir como mato, porque estaremos cada vez com melhores maneiras, sofisticados e cheios de nuances de interesse, subtilezas com as que assistem aos grandes caracteres. um dia, caramba, estaremos até cheios de razão (MÃE, 2010, p. 28).

Na obra de Mãe, destaca-se que as identidades dos personagens sob investigação e a complexidade da formação de cada um deles envolvem o descobrimento de sua verdadeira identidade e a influência do passado em sua formação, ou seja, identidades pessoais e coletivas dos personagens.

Dessa forma, a estrutura social, histórica e artística passou a ser influenciada por representações, tanto de vocabulário quanto de persuasão, de raça e classe social. Esses rudimentos moldaram e apararam as arestas de como se enxerga o mundo através do outro e como contribuem para uma estagnação coletiva.

Ressalta-se, ainda, que a identidade portuguesa é marcada por mitos e irrealismos que dificultam a compreensão do país como periférico dentro da Europa. Essa construção identitária, baseada em uma imagem idealizada do passado, com uma política imperial por uma nacionalização intensa dos territórios coloniais, pode impedir a compreensão da realidade atual e dificultar a busca por uma identidade autêntica e atual.

nunca eu teria percebido a vulnerabilidade a que um homem chega perante outro. nunca teria percebido como um estranho nos pode pertencer, fazendo-nos falta. não era nada esperada aquela constatação de que a família também vinha de fora do sangue, de fora do amor ou que o amor podia ser outra coisa, como uma energia entre pessoas, indistintamente, um respeito e um cuidado pelas pessoas todas (MÃE, 2010 p. 96).

Neste fragmento, Silva refere-se à natureza da identidade, salientando a fragilidade e a importância das conexões humanas e como o conceito de família pode ir além dos laços sanguíneos ou do amor romântico. Ele enfatiza a ideia de que a identidade pode ser construída por meio de uma tomada de decisão e compartilhada entre pessoas distintas, existindo um carinho e respeito mútuo.

Lembrando o conceito de identidade e fazendo das palavras de Silva um “Se Voir et Voir L'autre”¹⁵ na perspectiva de ser e se ver português, e tendo a preocupação de salvar seu passado no presente, Silva reflete sobre as dificuldades de seu país, as falhas e a desconfiança que permeiam ao redor de Portugal. Então, se ressentido ao lembrar que queria morrer português e abraçar sua identidade portuguesa e, por fim, acaba reconhecendo a importância de seus conterrâneos, que dividem a mesma morada e têm um cotidiano em comum com o dele.

O senhor silva, o da Europa, olhou-me quieto. tinha parado de preencher formulários e estava como embevecido diante do meu ar sonhador. desculpe-me, senhor Silva, disse-me ele a mim, é que aos oitenta e quatro anos já não é comum ouvir um marido falar assim da sua esposa. eu sei que é comum que se tornem os homens mais vulneráveis diferente, não é igual, sabe, não é (MÃE, 2010, p. 20).

Neste excerto, durante a internação de Laura, em uma conversa com o Silva da Europa, todo o amor e respeito que ele sente por ela são expostos como uma simbiose identitária: um não vive sem o outro; isto é, ela seria a extensão dele. No entanto, a curiosidade de Silva para conhecer além dos muros de Portugal se embasa em suas conversas com o Silva da Europa sobre o fascismo.

o candeeiro sempre aceso e eu pedi que me trouxessem o silva da europa, se ele estivesse acordado. diga-me coisas sobre o fascismo, explique-me como éramos um povo de orelhas baixas a mando de um padeco de voz de menina. e ele sorria. respondia-me, você já sabe tudo, você sabe até melhor do que eu. e eu ria-me e tossia um pouco e, pela primeira vez tratei-o por colega silva, somos colegas, dois dos muitos, silvestres, muito mal-educados. e ele não queria entrar em lamentações, era porque já vira muita gente a morrer (MÃE, 2010).

Acerca da conversa entre os dois Silvas, a experiência transmitida pelo relato das memórias comuns é mencionada implicitamente pelo sentimento de patriotismo, sendo o nacionalismo uma forma de identidade cultural. Essa identidade coletiva foi moldada através da história e política de Portugal; nesse diálogo, compartilham-se as características homogêneas do passado. O povo português foi mobilizado em torno de uma causa comum e, com isso, justifica-se a exclusão e opressão de grupos minoritários, resultando na perda do eu naquela época do regime salazarista.

¹⁵ “Se Voir et Voir L'autre” é um conceito literário e cultural que ressalta a importância da autorreflexão, autodescoberta e da compreensão das diferenças e semelhanças entre os indivíduos, enriquecendo assim a complexidade das narrativas e das experiências humanas representadas na literatura.

Do ponto de vista dos excluídos, todos os idosos residentes do Lar Feliz Idade passaram por essa fragmentação; as identidades não eram mais tão homogêneas quanto as do passado. Mesmo o tema estando presente nas mais variadas abordagens, o que coincide com a identidade na pós-modernidade é a fragmentação e fluidez que resiste a uma cultura dominante e globalizada, a fim de superar as marcas do passado e reconhecê-las de forma que possam resgatar a identidade cultural do povo português. Os anos sob o comando de José António Salazar deixaram traços terríveis que jamais deveriam ser trilhados novamente. Porém, devem, sim, ser lembrados para que a sociedade não possa jamais esquecer tamanha arbitrariedade.

A neutralidade diante da consciência literária desvincula todo o agora, ao confrontar o passado e formalizar em uma identidade fragmentada. Tal como expõe Hall em seu livro *Identidade Cultural na Pós-modernidade*, a cultura, a época e a política influenciam sobremaneira o modo de pensar. O apelo por reformulações fascistas levou Portugal à irresponsabilidade e à abstração das experiências, tornando o espaço social uma área a ser explorada por meio da razão, em um horizonte de curto a longo prazo.

À medida que nos despedimos deste capítulo e nos preparamos para explorar os desdobramentos das dinâmicas discutidas até aqui, é evidente que as questões de identidade e memória emergem como elementos cruciais na compreensão do contexto salazarista em que se passa o romance, exercendo um impacto profundo na identidade do povo português, que é influenciada por diversos fatores históricos, sociais e culturais.

Nossas conclusões sublinham a complexidade da construção da identidade e a interconexão entre memória, experiência e a transformação da sociedade contemporânea.

Dando continuidade à nossa jornada neste estudo, iremos aprofundar nossa compreensão dessas dinâmicas e examinar os fatos históricos.

CAPÍTULO 3 UM DIÁLOGO COM A HISTÓRIA PELAS VIAS DA RASURA.

3.1 Silva num novo espaço: as memórias da Ditadura.

No romance *A Máquina de fazer Espanhóis*, partiremos da contextualização da história do personagem Silva e dos demais personagens em um novo espaço.

éramos sempre noventa e três pessoas no feliz idade. sempre noventa e três velhos ali metidos. e não havia alteração disso. a cada fuga, alguém entrava de novo a compor o número preciso de utentes, como um universo perfeito, completo, que se alimenta dos restos de tempo que as pessoas têm. os nossos restos, todos juntos, fazem a vida dos funcionários (Mãe, 2010 p. 168).

Neste excerto, Silva menciona que, apesar das limitações e da condição dos idosos do Lar Feliz Idade, eles contribuem para a vida dos funcionários, e suas interações são essenciais para o bem da comunidade em que vivem. A metáfora “universo perfeito” indica que a instituição é um sistema autossuficiente e mantinha o equilíbrio com a entrada e saída de pessoas, sem alterações. O número de residentes era quase imutável, pois logo outra pessoa entrava para manter o grupo completo.

Um dos termos em destaque no livro de Linda Hutcheon é a metaficção, que é o que usaremos de base para esse capítulo. Entenderemos quando uma obra literária se autorrefere e questiona a própria natureza da ficção e do processo de criação literária.

o senhor pereira perguntava, e então não acha que eu tenho razão, vir com aquela das facas nas pernas para mim, que tenho um cancro. eu sorria e dizia, a mulher é desajeitada, não sabe o que dizer e estava envergonhada com a nossa companhia. e ele respondia, é uma malcriada sem compaixão, aquilo não era vergonha, era fita da antiga, fita de sonsa. havia de doer-lhe o que me dói e este medo de morrer já amanhã, a ver se lhe importavam os pés. se lhe doem os pés, que se sente e já descansa (Mãe, 2010, p. 176).

Neste novo espaço, Pereira, o novo amigo de Silva, explica seu sofrimento e o medo de morrer no dia seguinte, e a indignação com a Senhora que não teve consideração quando ouviu sobre sua situação de câncer terminal. Ele destaca a dificuldade de se ter empatia em seus momentos de dificuldades. A proximidade dos personagens vai descortinando a complexidade das relações humanas.

[...] a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico. [...] certos detalhes históricos conhecidos são deliberadamente falsificados para ressaltar as possíveis falhas mnemônicas da história registrada e o constante potencial para o erro proposital ou inadvertido. (Hutcheon, 1991, p. 152)

Segundo Linda Hutcheon, os elementos que compõem o conceito de metaficção historiográfica estão relacionados à noção de pós-modernismo e englobam vários elementos que a compõem. Neste contexto, a obra metafictional é caracterizada por sua auto reflexividade textual, abordando-se a si mesma e o processo de sua própria criação.

[...], nem salazar parecia ainda o estupor que o povo pudesse reconhecer cabalmente. não sabíamos nada. havíamos passado ao lado da guerra e parecia que a vida se protegia no país das quinas, igual a termos uns muros nas fronteiras, um peito viril erguido contra malandros estrangeiros (Mãe, 2010 p. 94).

Neste relato, vemos que Portugal vivia em uma aparente tranquilidade, mesmo com os conflitos e guerras que estavam acontecendo na época; eles não tinham noção do impacto de Salazar e da realidade social e política do país naquele momento. Era um distanciamento da realidade, de tudo e de todos. Portugal vivia em isolamento para defesa e proteção da nação. É por esse caminho que a metaficção incorpora elementos como autorreflexão, paródia, a interação entre autor, narrador e personagem, intertextualidade e a consciência do leitor. Esses elementos, em conjunto, contribuem para a construção de uma narrativa que transcende a mera representação da realidade, promovendo uma reflexão sobre os processos de construção ficcional e as convenções literárias estabelecidas.

Nesta reflexão, estabelece-se uma comparação com o “ponto de peixe”, que simboliza o momento em que o destino se torna irrelevante. Essa passagem reflete sobre a perda progressiva da memória e dos desejos: “o meu cérebro levava-se de mim, anulando progressivamente cada memória, cada desejo. estava no ponto peixe. o glorioso ponto peixe a partir do qual o destino nos começa a ser irrelevante.” (Mãe, 2010, p. 194). Trata-se de um diálogo interno que visa legitimar essas emoções e retrata fenômenos recorrentes na terceira idade. Muitos indivíduos, por exemplo, acabam esquecendo do período em que a ditadura foi introduzida na história, o que permite uma visão e reflexão diferentes. Essas memórias, para eles, tornam-se indiferentes.

não sabíamos quem nos traficava em segurança e, honestamente, não tínhamos suborno que se visse e, pior ainda, não havia coragem para entrar matos adentro e a lura acabara de engravidar novamente. não podíamos ir a salto para França,

como não podíamos correr risco algum de que aquela nova criança padecesse também (Mãe, 2010, p. 74).

Devido à falta de segurança, essa referência sugere a incerteza de garantias ou de proteção; havia entre eles um sentimento de vulnerabilidade e a falta de coragem para migrar para outro país. Estavam impotentes diante dessa situação, presos em Portugal.

Conectando a citação com a metaficção historiográfica, interpretamos que essa narrativa pessoal e íntima dos desafios da emigração dialoga com a ironia ao examinar “os fragmentos da experiência humana” para além da narrativa histórica oficial. Ao trazer essas perspectivas marginalizadas, a obra questiona a “consciência histórica” convencional, tal como a proposta por alguns teóricos pós-modernos.

Então, observaremos que a metaficção historiográfica trava um importante diálogo com a ironia. Segundo alguns teóricos do pós-modernismo, se o escritor quiser examinar com exatidão os fragmentos da experiência humana, dos quais a revelação é o objetivo específico da arte moderna, a consciência histórica precisa ser eliminada. Configura-se, assim, um novo desejo de pensar historicamente, com pensamento crítico e contextual. A literatura e a história na pós-modernidade nos ensinaram que ambas são discursos da escrita pelos quais damos sentido ao passado.

e eu perdia a paciência para a pose educada de estar sempre a travar o da europa e a espevitar o senhor pereira e, pior, a tolerar o derretido do anísio como se desfazendo em água de rosas pela camisa abaixo. a dona leopoldina, que estava boquiaberta com o par de namorados e via naquilo uma desavergonhice, veio coçar o cu duas vezes ao pé de nós, acelerando o passo nervosa e trapalhona. o senhor pereira resmungava como se, agora, a brincadeira o ofendesse particularmente. de repente, disse, havia de lhe entrar por ali um bicho que a mordesse toda. e a dona glória do linho assustou-se e o anísio explicou, o senhor pereira ficou abalado com a notícia de estar doente. o silva da europa atalhou que aquilo já era de uns dois meses, e todos se entreolharam como se assim fosse menos grave (Mãe, 2010, p. 174).

Trata-se de voltar aos velhos lugares da cultura portuguesa e enxergar a realidade do país quando estava sob a ditadura de Salazar, e revisitarmos no romance os heróis Silva e sua adesão à União Europeia do ponto de vista de Silva, os casos "europeus", isto é, com a nomeação de Salazar e a sua longa gestão à frente de Portugal, período apagado do quadro histórico, após a Revolução dos Cravos (1974), se considerares cinquenta anos de ditadura como um parêntese infeliz, a deturpação dos fatos foi uma empreitada sem fim e o salazarismo é uma mancha inapagável. Portanto, é um exercício que consiste tanto em compreender o

presente como em preparar o futuro, mas olhando primeiro para uma busca do passado em busca de informações e cura.

O trecho, seguido de referências religiosas, era usado por admiradores do regime autoritário e conservador. Salazar, era reverenciado de forma análoga a uma figura sagrada. “viva salazar viva salazar maria imaculada mês de maio mês dos lírios e das rosas mês de maria coração de maria, dai- nos o vosso amor santa maria”. (Mãe, 2010, p. 95).

O tempo do romance traz à tona as lembranças da época da ditadura militar, enquanto Linda Hutcheon aborda a relação entre a reconstrução/construção histórica e a política do romance, destacando sua interdependência. A autora argumenta que não há um conflito entre esses dois aspectos, mas sim um apoio mútuo. No romance analisado, a nostalgia é utilizada de maneira irônica, questionando não apenas a idealização do passado, mas também sua influência.

O início da narrativa denota uma norma irônica ao descrever o ano de 1933 com um saudosismo aparente, mas já com um olhar crítico. Essa visão nostálgica é desconstruída ao revelar uma realidade mais complexa e inclusiva, dando voz a segmentos marginalizados da sociedade que tradicionalmente são excluídos da ficção e da história. A autora concorda com Jameson que esse tipo de romance desafia a noção de historicidade; porém, ela discorda do julgamento negativo associado a isso.

a cada três segundos experimentamos a poderosa sensação de vivermos, sem importância para mais nada, apenas o assombro dessa constatação. o américo respondeu-me, seria uma pena que se voltasse a lembrar de mim, senhor silva, não gosto dessa teoria dos peixes, porque assim não se lembraria de mim. (Mãe, 2010, p. 190).

Na obra, a ironia desempenha um papel fundamental ao permitir um distanciamento crítico. Os personagens e ideais sociais retratados não se enquadram em estereótipos sentimentais; pelo contrário, são questionados em relação à sua aplicabilidade e adequação, especialmente quando se trata de questões raciais e de classes. Enquanto Silva enfrenta a situação de estar sozinho no asilo, o texto anterior destaca como as obras pós-modernas abordam a multiplicidade e a disparidade, desestabilizando a tradicional identidade unificada ou subjetividade dos personagens.

Reflexões sobre a situação de miséria e sofrimento destacam que a responsabilidade por tais condições não recai sobre Deus ou entidades divinas, mas sim sobre as circunstâncias desfavoráveis em que vivem. Diante disso, os personagens resignam-se. “não foi culpa do padre, nem da igreja e nem de deus. foi só o triste acaso de sermos miseráveis num país de miséria que não esperava de nós mais do que o brio e o sacrifício mudo”. (Mãe, 2010 p. 71).

Nesse sentido, a citação pode ser interpretada como uma representação sentimentalista sobre a dura realidade da pobreza vivida em Portugal. Na teoria de Linda Hutcheon, ressalta-se que o romance evita generalizações e sentimentalismos, exceto quando aborda questões de racismo, tendenciosidade etnocêntrica e ódio entre classes sociais.

De modo geral, as obras contemporâneas desafiam a ideia de que a arte possui valores universais e atemporais, ao tematizar e encenar a natureza contextual desses valores. Elas também questionam a noção de individualidade e de unidade narrativa, privilegiando a multiplicidade e a disparidade.

durante muito tempo, portugal foi um país cujas crianças nasceram em França. tantas, caramba. e eu pensava, já ali por mil novecentos e sessenta e dois, que em França estaríamos a salvo, escapando da fome e do jugo de um trabalho sem retribuição suficiente para um raio de sol por dia (Mãe, 2010, p. 72).

É imprescindível ressaltar que, no período ditatorial, ocorreu a emigração em massa de portugueses para a França, um país desenvolvido e que dispunha de ampla oferta de trabalhos com ótima remuneração. Para escapar das dificuldades e condições precárias em seu país de origem, muitos trabalhadores de Portugal buscavam uma vida melhor, assim a França era o país escolhido pela maioria dos portugueses.

Embora esse trecho não fragmente diretamente a identidade dos personagens, pode ser lido como um questionamento à narrativa oficial sobre Portugal naquela época e à forma tradicional do romance. Por meio da narrativa, essas obras apresentam personagens com uma corporalidade fictícia, evitando abstrações e fragmentando ou desestabilizando a tradicional identidade unificada, ou a subjetividade dos protagonistas.

Segundo a autora, estabelece-se uma conexão entre a abordagem pós-moderna e a genealogia nietzschiana, destacando que ambas questionam as convenções da historiografia e da forma do romance. A história torna-se o cenário para essa problematização. Ademais, a autora utiliza a linguagem de Michel Foucault para descrever os desafios apresentados por uma abordagem genealógica. Essa análise transcende os limites da teoria e da prática, envolvendo-se mutuamente e revelando afinidades entre o romance e a história, especialmente no que diz respeito aos elementos narrativos compartilhados, como a teleologia, a causalidade e a continuidade, como já foi demonstrado.

sempre odiei que me chamassem comunista porque sempre quis afastar-me da política. primeiro porque achava que a política estava entregue, depois porque achava que não me deixariam participar, depois porque tinha medo de participar, e depois porque passara a acreditar que quem lá se metia era porque

se corrompia de tanta coisa que, afinal, não era ser-se bom homem o ser-se político. e o silva da europa pôs-se em prantos e disse-me, mas você fala num politiquês constante (Mãe, 2010, p. 75).

Silva, não gosta de ser chamado de comunista, sempre foi arredio à política e nunca gostou de se misturar com ela. As razões para isso são muitas, começando por achar que nada poderia fazer, também por acreditar que era proibido participar, depois por medo de abraçar a causa e se corromper. Apesar de sua negação em relação à política, ele toca frequentemente no assunto, demonstrando uma ligação indireta com o tema. Nessa passagem, podemos identificar elementos narrativos que conectam a ficção com a História. A teleologia (uma explicação das causas finais) está implícita na crença de Silva de que se envolver com a política levaria inevitavelmente à corrupção. A “causalidade” é sugerida em suas razões para evitar a participação política, que vão desde a descrença no sistema até o medo de represálias. E a “continuidade” é observada no fato de que, apesar de sua negação, Silva não consegue se desvencilhar completamente do assunto, falando “num politiquês constante”.

Assim, essa citação literária fornece um microcosmo vívido de como os elementos teleológicos, causais e de continuidade, característicos do discurso histórico, também estão presentes na narrativa ficcional. Ao expor as visões e dilemas do personagem sobre a política, o romance dialoga e revela afinidades com a escrita da História.

A ironia desempenha um papel importante nesse processo, que permite um distanciamento crítico que vai desconstruindo visões idealizadas. As experiências dos personagens durante o regime opressor, são retratadas sem generalizações, explorando elementos narrativos compartilhados com a historiografia, como a teleologia, a causalidade e a continuidade. Revelando as afinidades entre a ficção e a escrita da História, questionando convenções literárias e históricas, dando voz a experiências marginais e promovendo uma reflexão crítica sobre os processos de construção ficcional e a representação do passado.

Em conclusão, no romance *A Máquina de fazer Espanhóis* temos exemplos relevantes de metaficção historiográfica, segundo os conceitos explorados por Hutcheon. A obra tem um estilo que incorpora diversos elementos, a “autorreflexividade”, a paródia, a intertextualidade e a interação entre autor, narrador e personagens. Como observado através das memórias e experiências do protagonista, o romance revisita o período salazarista em Portugal. Ao trazer à tona perspectivas marginalizadas e vozes silenciadas, a narrativa questiona a “consciência histórica” convencional e as versões oficiais do passado.

3.2 O trauma vivido por Portugal.

No romance de Valter Hugo Mãe, a metaficção historiográfica é aplicada ao revisitar o passado de Portugal durante a ditadura de Salazar e a entrada do país na União Europeia. O autor reavalia a história de forma crítica, subvertendo as imagens idealizadas e irrealistas do regime salazarista. Ele não busca uma fidelidade estrita ao passado, mas sim uma reinterpretação realística e atualizada da história. Ao fazer isso, Mãe utiliza elementos de ficção para questionar e desafiar as narrativas históricas estabelecidas, contribuindo para uma reflexão mais profunda sobre a identidade e a memória coletiva de Portugal.

era uma máquina para me tirar o fascismo da cabeça. mas eu já o havia tirado antes, explico eu. eu já o tinha feito a frio, sem ajuda das tecnologias, porque a consciência ainda é dos químicos mais corrosivos, ou dos melhores detergentes, se quiserem. os meus amigos riem-se. e eu insisto, é verdade que o senhor medeiros se põe a dizer coisas, e acho até que se mexe (Mãe, 2010, p. 197).

No texto, Mãe aborda a revisitação da história portuguesa ao questionar e desconstruir algumas das imagens idealizadas e mitos que permearam a história de Portugal, especialmente durante o período ditatorial de Salazar. O autor propõe uma nova perspectiva realista sobre o passado, subvertendo a narrativa oficial e questionando as imagens irrealistas do regime salazarista. O romance também inclui o ponto de vista dos excluídos, dando voz e espaço para aqueles que foram marginalizados e negligenciados pela narrativa dominante. Isso contribui para uma visão mais abrangente e inclusiva da história, permitindo uma reavaliação crítica do passado e uma reflexão sobre as consequências e legados desse período histórico.

mas em mil novecentos e cinquenta as coisas não estavam ainda tão definidas, é isso que tento dizer. o certo e o errado eram difíceis de discernir. pois o benfica ainda não se fizera o glorioso, nem salazar parecia ainda o estupor que o povo pudesse reconhecer cabalmente. não sabíamos nada. havíamos passado ao lado da guerra e parecia que a vida se protegia no país das quinás, igual a termos uns muros nas fronteiras, um peito viril erguido contra malandros estrangeiros. e foi assim que nos casámos. cheios de vivacidade e entrega ao futuro num país que se punha de orgulhos e valentias (Mãe, 2010, p. 69).

Como então entender neste trecho a ambiguidade e incerteza da sociedade portuguesa na época? A resposta é que não se tinha um bom senso do que era certo ou errado, mencionando que os ditadores ainda não haviam chegado ao *status* de autoritários, foi um período de incertezas morais. Além disso, o romance também aborda questões identitárias e dilemas

culturais que afetam a sociedade portuguesa, como a negociação entre o passado e o presente e a relação de Portugal com a Europa. Ao revisitar a história portuguesa, o romance propõe uma reflexão sobre a identidade e a cultura portuguesas, contribuindo para uma compreensão mais complexa e realista da história do país.

se ele estivesse acordado. diga-me coisas sobre o fascismo, explique-me como éramos um povo de orelhas baixas a mando de um padeco de voz de menina. e ele sorria. respondia-me, você já sabe tudo, você sabe até melhor do que eu. e eu ria-me e tossia um pouco e, pela primeira vez tratei-o por colega silva, somos colegas, dois dos muitos, silvestres, muito mal-educados (Mãe, 2010 p. 188).

Neste excerto, Silva é questionado se está acordado e é solicitado encarecidamente que fale sobre o fascismo, explicando como os habitantes daquela nação eram submissos a aquele dominador impiedoso.

Para entendermos o orgulho português, precisamos recorrer aos fatos históricos. Em tempos remotos, Portugal não era um país pequeno; com sua política imperialista e a internacionalização de suas coroas nas regiões da África, Ásia e América Latina, tornou-se objeto de cobiça e rivalidades. Portugal sempre demonstrou grande interesse pela vida ultramarina, e sua antiga soberania ia além-mar.

As colônias eram nacionalizadas com a regra ditada por Salazar. Países como Angola não prosperaram nem progrediram na época de 1930 com o *acto* colonial que forçava a troca entre as colônias, para abastecer Portugal com matérias-primas, fizeram o chamado *acto* colonial. Portugal já estava à frente da Grã-Bretanha com o comércio português.

assim se aguentava a pobreza com uma paciência endurecida, porque éramos todos muito robustos, na verdade, que povo robusto o nosso, atravessar aquele deserto de liberdade que nunca mais acabava mas que também não saberíamos ainda contestar. havia uma decência, com um tanto de massacre, sem dúvida, mas uma decência que criava um porreirismo fiável que incutia em todos um respeito inegável pelo colectivo, porque estávamos comprometidos em sociedade, por todos os lados cercados pela ideia de sacrifício, pela crença de que o sacrifício nos levaria à candura e de que a pureza era possível. íamos ser todos dignos da cabeça aos pés (Mãe, 2010 p. 69).

Essa análise aborda como as colônias eram nacionalizadas e exploradas economicamente por Portugal durante o regime salazarista, através do pacto colonial. Este impunha a troca forçada de matérias-primas das colônias para abastecer a metrópole, impedindo o progresso e prosperidade desses territórios. A citação em *A Máquina de fazer Espanhóis captura* essa atmosfera de privação, sacrifício coletivo e falta de liberdade vivida em Portugal

nesse período. Silva descreve como a pobreza era aturada com paciência pelo robusto povo português, que atravessava um deserto de liberdade, sem conseguir contestá-lo.

Havia uma decência imposta, com certo grau de massacre, que criava um sentido de conformidade e respeito pelo coletivo. A sociedade estava comprometida e cerceada pela ideia de sacrifício, acreditando que isso os levaria à pureza.

Assim, a citação literária é metafórica, esse ambiente opressivo e a mentalidade de resignação e abnegação coletiva do povo português sob o salazarismo. Podemos interpretar que essa subjugação da liberdade e o culto ao sacrifício eram essenciais para viabilizar o modelo econômico exploratório imposto às colônias pelo “*acto colonial*”¹⁶ em benefício de Portugal. A nação portuguesa possuía fora do continente uma grande herança peninsular.

As lembranças sobre a identidade e a natureza do povo, descrevendo-os como um povo de caminhos salgados. Transmite uma ideia de desafios e de uma jornada árdua. Silva, enfatiza que essa característica está presente no passado e permanece no presente, indicando que a dureza da vida e das experiências moldou a essência desse povo, no trecho é possível observar tais elementos: “fomos sempre um povo de caminhos salgados. ainda somos um povo de caminhos salgados. isto é coisa para nos amargar o sangue e nunca mais nos permitir a leveza destas cenas. o anísio, que parara o riso como um motor a falhar, estava em desacordo” (Mãe, 2010, p. 214).

O personagem Anísio possuía um viés contrário; não concordava, pois era um admirador das mulheres e reconhecia que elas têm a habilidade de seduzir e se destacar diante dos homens. Esse fascínio de Anísio pela sedução feminina contrapõe-se à ideia de um povo marcado por caminhos salgados, sugerindo uma dualidade entre a dureza da vida e a beleza da sedução presente nas relações interpessoais. Essa dualidade pode representar a complexidade e a riqueza das experiências humanas, mesmo em meio às adversidades.

que medo se nos entra outro filho da puta no poder, a censurar tudo quanto se diga e mandar que pensemos como pensa e que façamos como diz que faz. que medo de tudo se em tudo quanto os homens fazem vai a vontade torpe de ultrapassar o outro, poder mais do que o outro, convencer o outro de que fica bem no andar de baixo e depois subir, subir o mais sozinho possível, porque ganhar acompanhado não satisfaz ninguém. estamos a fazer tudo errado agora, sem valores, sem medo da igreja, sem um fascismo que nos regule o voluntarismo (Mãe, 2010, p. 154).

¹⁶ *Acto Colonial* 8 de julho de 1930, o ministro das Finanças da Ditadura Militar, António de Oliveira Salazar, promulgou o Ato Colonial que viria a ser incorporado na Constituição de 1933 baseando-se nos princípios teóricos da inviolabilidade, integridade territorial e nacionalismo imperialista e da missão civilizadora de Portugal, enquanto país cristão, ocidental e europeu, tendo por isso uma “função histórica e essencial de possuir, civilizar e colonizar domínios ultramarinos”.

Neste fragmento, Silva nem pode imaginar tal possibilidade de sofrer as privações do regime opressivo que cerceou a liberdade dos portugueses. Seu temor é que venha a estar no poder outra pessoa autoritária, preocupando-se em ser submetido novamente à censura e à vontade alheia, e perder sua autonomia. Embora rejeite o autoritarismo, também se preocupa com o cenário atual, que carece de valores morais.

e eu respondi, quem se se senta na cadeira do papa, cada novo papa, entra na verdade numa longa linhagem de assassinos. deviam ter vergonha. e as pessoas esperam de um homem assim a salvação de todos os povos e não se lembram que a tradição da casa é a discriminação atroz e a perseguição até à morte (Mãe, 2010 p. 135).

Considerando a história da instituição papal, caracterizada pela violência, discriminação e pedofilia que persistiram ao longo dos séculos e até os dias atuais, não se pode esperar que um homem que ocupe tal posição possa trazer a salvação. Essa constatação provoca uma reflexão sobre a tradição e a fé depositadas no papa em termos de justiça e salvação.

Em conclusão, por meio da metaficção historiográfica, Valter Hugo Mãe explora o trauma vivido por Portugal durante o regime ditatorial de Salazar. O autor revisita criticamente esse período, subvertendo narrativas idealizadas e mitos, e dando voz aos marginalizados pela história oficial.

Através das memórias dos personagens, Mãe questiona as imagens irrealistas do salazarismo e propõe uma perspectiva mais realista sobre o passado português. Ele aborda a ambiguidade moral e as incertezas vividas naquela época, bem como o impacto do fascismo na sociedade.

O romance também reflete sobre a identidade cultural portuguesa, negociando as tensões entre passado e presente, além da relação de Portugal com a Europa. Aspectos como o legado colonial, a exploração econômica das colônias e o sacrifício imposto ao povo são retratados. Ao abordar esses traumas históricos, a obra possibilita uma reavaliação mais profunda da memória coletiva e da herança cultural de Portugal, expondo as complexidades e dualidades das experiências humanas, mesmo em meio à adversidade e à opressão.

3.3 O arquétipo português revisitado: As relações para além das ideologias.

é preciso que se suje o nome de salazar para todo o sempre. é preciso que o futuro lhe reserve sempre a merda para seu significado, para que os povos se

recordem como foi que um dia um só homem quis ser dono das liberdades humanas, para que nunca mais volte a acontecer que alguém se suponha pai de tanta gente (Mãe, 2010).

As narrativas das personagens estão marcadas pelo trauma histórico durante o regime Salazarista. Esses eventos traumáticos impactaram a identidade coletiva de um povo. Nesse enredo, investigaremos como esse período histórico de trauma, como a ditadura de Salazar em Portugal, influenciou a construção da identidade nacional portuguesa e como essas experiências traumáticas são revisitadas na literatura e na cultura contemporâneas.

Durante o enredo, a história pessoal está entrelaçada com a resiliência como resposta ao trauma. Analisaremos como a cultura portuguesa demonstra resiliência diante de períodos de opressão, refletindo-se na literatura e nas representações artísticas.

Segundo Seligmann, os conceitos de memória e esquecimento são explorados para entender como a sociedade portuguesa lida com seu passado traumático e como isso influencia as relações contemporâneas dentro e fora do país. Isso envolverá uma análise das narrativas históricas dominantes e das tentativas de resgate e revisão de memórias marginalizadas ou esquecidas.

arrepentia-me do fascismo e de ter sido cordeiro tão perto da consciência, sabendo tão bem o que era o melhor valor, mas sempre o ignorando, preferindo a segurança das hipocrisias instaladas. eu precisava de gritar dizendo que queria morrer português, queria ser português, com a menoridade que isso tivesse de implicar, porque fui um filho da puta, e merecia ser punido, fiz do meu país um lugar de gente desconfiada, nenhum povo unido (Mãe, 2010 p. 196).

Nesta passagem, expõe-se o arrependimento em relação ao passado e à submissão; o personagem confessa que tinha plena consciência da verdade, mas optou por ignorá-la para viver de aparências. Essa é a herança intergeracional do trauma, que pode ser transmitida através das gerações. Analisaremos como as experiências traumáticas da ditadura de Salazar reverberam nas gerações posteriores em Portugal e como isso se reflete na literatura e na cultura contemporâneas, examinando temas como legado, memória e reconciliação.

Ao integrar as perspectivas e teorias apresentadas por Seligmann em “O Trauma” com a análise do arquétipo português revisitado em sua dissertação, buscamos enriquecer a compreensão das relações que vão além das ideologias no contexto português, considerando os impactos do trauma histórico na construção da identidade nacional e nas dinâmicas culturais contemporâneas. . A opressão e a violência de classe também estiveram presentes em regimes fascistas, como o de Salazar em Portugal.

A importância de repensar as narrativas históricas a partir de uma perspectiva pós-colonial, levando em consideração as experiências e testemunhos das populações afetadas pela colonização. Nesse sentido, destaca-se a relevância do testemunho na arte e a importância de políticas de inscrição da memória, especialmente no contexto de violência colonial, como forma de enfrentar as políticas de esquecimento que sustentam a repetição da exploração e da violência.

que melhor discurso pode haver para os padres do que a promoção da beleza de se ser pobrezinho. a promoção da beleza de se ser pobrezinho. é um casamento perfeito. o político que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos, com a igreja que gosta dos pobrezinhos e os mantém pobrezinhos. mas, quer o político, quer a igreja, dominam ou podem dominar o fausto. não é brilhante. isto inventado seria mentira (Mãe, 2010 p. 197).

O discurso do trecho aponta para a contradição de políticos e da Igreja que afirmam gostar dos pobres, mas contribuem para mantê-los nessa condição, manifestando uma crítica à hipocrisia e à exploração presentes nessa dinâmica entre o poder político e o religioso.

Como entender a transformação da sociedade portuguesa ao longo dos anos 20, que fez parte desse sistema ditatorial? Nas citações acima, observa-se a experiência traumática de Silva. As características do trauma incluem um enclausuramento ou uma repetição neurótica que altera a percepção do passado, do futuro e do presente, conforme expõe Freud sobre esse evento traumático. A experiência pela linguagem pressupõe um distanciamento, e isso interdita a linguagem de adquirir a capacidade de se expressar.

As memórias são compartilhadas; nenhuma memória é inteiramente individual, pois elas são comunicadas a outros, seja pelo meio ou pelo suporte da memória. Não raramente utilizamos fotografias e nomes de ruas para visualizar e evocar nossas memórias, e o olfato também nos transporta a outros lugares, assim partilhamos lembranças.

O personagem Silva vivenciou essa experiência histórica traumática, o que dificultava o confronto com seu passado. Foi a partir de sua convivência com os amigos do Lar Feliz Idade que ele começou a rememorar suas experiências traumáticas e, juntamente com eles, dar seu testemunho além da temporalidade, como se oferecesse um passado que nem pode ser esquecido e nem pode ser totalmente acessado.

Como narrar o inenarrável? Adorno nos chama a atenção para que a linguagem nos possa comunicar essa experiência limite. Há uma tensão entre a história e a memória, primeiramente porque a história é um campo disciplinar oposto à memória, e isso implicou a perda dessa distância temporal do fazer histórico. Então, o que está sendo narrado é a

experiência traumática, na qual o passado é vivido e sentido como uma experiência presente; essa temporalidade e repetição desse passado enclausurado. É o presente impondo esse passado, que é vivido e experimentado como se fosse contemporâneo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação de mestrado buscou analisar como o romance *A Máquina de fazer Espanhóis*, de Valter Hugo Mãe, explora as relações entre memória, ficção e fato histórico engendrado pelas vias da pós-modernidade. Através do personagem Silva e suas lembranças, a obra revisita o passado traumático de Portugal durante o regime ditatorial de Antônio Salazar, desafiando narrativas históricas oficiais e idealizadas.

Embasada pelos conceitos de Linda Hutcheon sobre a poética do pós-modernismo e a metaficção historiográfica, a análise evidenciou como o romance incorpora elementos como autorreflexão, paródia, intertextualidade e interação entre autor, narrador e personagens. Ao dar voz a perspectivas marginalizadas, o texto questiona a “consciência histórica” convencional, propondo uma reinterpretação crítica e realista do salazarismo.

A obra aborda a ambiguidade moral vivida naquela época, o impacto do fascismo na sociedade e as tensões na identidade cultural portuguesa. Aspectos como o legado colonial exploratório, o sacrifício imposto ao povo e a repressão da liberdade são retratados com refinada ironia.

O objetivo da dissertação foi demonstrar como o romance contemporâneo aborda e interpreta as relações entre memória, ficção e fato histórico sob uma perspectiva pós-moderna. Ancorada nos conceitos teóricos de Linda Hutcheon, Hall e Márcio Seligmann, a análise buscou compreender como a obra literária revisita o passado traumático de Portugal durante o regime salazarista, desafiando narrativas históricas dominantes e dando voz a outras experiências desconhecidas. Ao explorar as lembranças e os dilemas existenciais do barbeiro na terceira idade, o protagonista Silva, o estudo examinou os mecanismos pelos quais o romance questiona verdades absolutas, propõe releituras críticas da história oficial e promove reflexões sobre identidade cultural, violência política e processos de cura por meio da literatura.

As experiências traumáticas foram exploradas no último capítulo sob a ótica de Márcio Seligmann, examinando como reverberam através das gerações e influenciam a memória coletiva. Ao visitar o arquétipo português, o romance possibilita uma reavaliação profunda da herança cultural, expondo complexidades e dualidades mesmo em meio à adversidade. Há espaço para o resgate de memórias esquecidas e traumas silenciados pela história oficial, convidando à reconciliação com o passado.

Por fim, *A Máquina de Fazer Espanhóis* apresenta uma releitura crítica da história e da memória de Portugal, promovendo reflexões sobre identidade nacional, violência política e processos de cura por meio da arte. Essa obra representa uma contribuição valiosa para compreendermos os desafios de revisitar traumas coletivos e construir narrativas mais plurais e inclusivas sobre o passado cultural e o trauma português, examinando seus impactos contínuos na sociedade contemporânea.

e eu respondo, só acredito nos homens. finalmente, só acredito nos homens, e espero que um dia se arrependam. bastava-me isso, que um dia genuinamente se arrependessem e mudassem de conduta para que fosse possível acreditarem uns nos outros também. mais do que isso, sinto apenas angústia. a enfermeira entrou, aproximou-se de nós, perguntou, o que sente, senhor silva. e eu repeti, angústia, sinto angústia (Mãe, 2010 p. 198).

No último capítulo, o romance conclui com Silva agonizando, proferindo suas últimas palavras, aguardando a morte enquanto reflete sobre a futilidade da vida: nascemos, crescemos, reproduzimos, envelhecemos e morremos; esse é o destino de todos nós. À beira da morte, ele expressa sua desilusão em relação aos homens, desejando que todos se transformassem e se arrependessem de suas ações, além de voltarem a confiar uns nos outros. Este é um sonho quase inalcançável: um mundo onde reinasse a sinceridade, a redenção fosse possível e as relações fossem construídas com base na confiança e na empatia. No entanto, apesar desse anseio por mudança, o personagem confessa sentir apenas angústia. Essa angústia pode ser interpretada como um reflexo de sua frustração diante da realidade imperfeita da vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

CER - CENTRO DE ESTUDOS REGIANOS. **O Centro de Estudos Regianos**. Vila do Conde: Centro de Estudos Regianos, 2023. Disponível em: <https://www.joseregio.pt/cer-o-centro-de-estudos-regianos/> Acesso em: 3 mar. 2023.

COELHO JÚNIOR, Nelson Ernesto. Inconsciente e percepção na psicanálise freudiana. **Psicologia**, São Paulo, v. 10, n. 1. 1999. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psp/a/yS8v9kHC8f74VWff7gpQJYC/?lang=pt>. Acesso em: 29 jul. 2023.

COELHO, Sara Otto. Valter Hugo Mãe: “Não gostei da minha adolescência, não aconselho a ninguém”. Entrevistado: Valter Hugo Mãe. **Observador**, Lisboa-PT, out. 2016. Disponível em: <https://observador.pt/especiais/valter-hugo-mae-nao-gostei-da-minha-adolescencia-nao-aconselho-a-ninguem/>. Acesso em: 4 mar. 2023.

DN, Por Miguel Gaspar - 30. jul. 2016, "Valter Hugo Mãe: **“O politicamente correto lixou-nos a todos”**", DN [online], Disponível em: <https://www.dn.pt/portugal/entrevista/valter-hugo-mae-o-politicamente-correto-lixou-nos-a-todos-5345869.html>. Acesso em: 04 mar. 2023. Disponível em: <https://correiodaguarda.blogs.sapo.pt/o-fascismo-dos-bons-homens-401464> Acessado em: 04 mar. 2023.

FERNANDES, José Carlos. O Estranho País dos Nossos Desencontros. **Público**, Lisboa 27 fev. 2010. Disponível em: <https://www.publico.pt/2010/02/27/jornal/o-estranho-pais-dos-nossos-desencontros-19122822>. Acesso em: 8 de março de 2023.

GOMES, André. "**Conceição Evaristo vai abrir Casa de Escrevivência, trabalha em quatro livros e planeja obra com Valter Hugo Mãe**". O Globo. 14 de dezembro de 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/12/conceicao-evaristo-vai-abrir-casa-de-escrevivencia-trabalha-em-quatro-livros-e-planeja-obra-com-valter-hugo-mae.ghtml>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022.

GHISLENI, Camilla. **O que é pós-modernismo?** [S. l.], 18 jul 2021. ArchDaily Brasil. Disponível em: www.archdaily.com.br/br/964283/o-que-e-pos-modernismo. Acesso em: 22 jun. 2023.

HARTLEBEN, Alexandra. Ein tiefsinnig poetisches Buch. **Frankfurter Allgemeine Zeitung**, Frankfurt am Main, 5 dez. 2014.

Disponível em: <https://www.faz.net/aktuell/feuilleton/buecher/rezensionen/belletristik/valter-hugo-mae-die-maschine-die-spanische-woerter-spuckt-13347152.html>. Acesso em: 8 mar. 2023.

HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction**. New York: Routledge, 1988.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: História, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Hutcheon, L. (1991). **Metaficção historiográfica**: Paródia e intertextualidade na literatura pós-modernista. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago.

LA VANGUARDIA. (2012, 26 de maio). 'A máquina de fazer espanhóis', a emoção portuguesa que arrasa. *La Vanguardia*. Disponível em: <https://www.lavanguardia.com/libros/libro/a-maquina-de-fazer-espanhois-9789720047335.html> Acesso em: 8 mar. de 2023.

LIPPENS, N. (2012, September 14). At Home in His Own Quirky Universe. *The New York Times*. Retrieved from <https://www.nytimes.com/2012/09/15/books/a-maquina-de-fazer-espanhois-by-valter-hugo-mae.html>

MÃE, Valter Hugo. **O remorso de Baltazar Serapião**. São Paulo: Editora 34, 2010.

MÃE, Valter Hugo. **A máquina de fazer espanhóis**. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2011.

MÃE, Valter Hugo. **O apocalipse dos trabalhadores**. Carnaxide: Alfaguara, 2011.

MÃE, Valter Hugo. **O nosso reino**. Carnaxide: Alfaguara. 2012.

MÃE, Valter Hugo. Site oficial Valter Hugo Mãe. [S.l.], 2017. Disponível em: <https://www.valterhugomae.com/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

MÃE, Valter Hugo. Cuidar dos pais. **Fronteiras do Pensamento**, São Paulo, jun. 2018. Seção Literatura e Cultura. Disponível em: <https://www.fronteiras.com/leia/exibir/valter-hugo-mae-cuidar-dos-pais>. Acesso em: 3 mar. 2023.

MACHADO, Ronaldo Silva. História e Poesia na *Poética* de Aristóteles. *Mneme*, revista de humanidades, Caicó-RN, v. 2, n. 3, p. 1-8, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/39>. Acesso em: 29 jul. 2023.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **A virada testemunhal e decolonial do saber histórico**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2022.

MARGATO, Dina. (2011). **valter hugo mãe comoveu plateia com texto escrito no iphone** in *Jornal de Notícias*, de 06-08-2011, retirado de http://www.jn.pt/PaginaInicial/Cultura/Interior.aspx?content_id=1946377&page=-1. Acesso em: 10 mar. 2023. MUNCH, Thomas. "Die Schönheit des Lebens". *Süddeutsche Zeitung*, 18 de novembro de 2014. Disponível em: <https://www.sueddeutsche.de/kultur/portugiesische-literatur-die-schoenheit-des-lebens-1.2216652>. Acesso em 8 de março de 2023.

NOIVILLE, Florence. La machine à faire des Espagnols. **Le Monde**, Paris, 20 set. 2013. Disponível em: https://www.lemonde.fr/livres/article/2013/09/20/la-machine-a-faire-des-espagnols-de-valter-hugo-mae_3482244_3260.html. Acesso em: 8 mar. 2023.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Valter Hugo Mãe é escritor residente em universidade dos Estados Unidos. Publicado em: 30 out. 2019. Disponível em: <https://observalinguaportuguesa.org/valter-hugo-mae-e-escritor-residente-em-universidade-dos-estados-unidos/>. Acesso em: 03 mar. 2023.

PANTOJA, Edirlene Costa. **A Literatura como lugar e memória**: uma análise da obra “a máquina de fazer espanhóis”, de Valter Hugo Mãe. 2019. 45 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: https://bdm.ufpa.br:8443/bitstream/prefix/2938/1/TCC_LiteraturaLugarMemoria.pdf. Acesso em: 10 mar. 2023.

PESSOA, Fernando. Tabacaria. In: PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Ática, 1982. p. 105-114.

RAMOS, Andressa de Jesus Araújo; BARRETO, Mêrivania Rocha; NEVES, Jayne Sampaio. O abandono e o desrespeito na velhice: reflexões sobre o envelhecimento na obra *A máquina de fazer espanhóis*. **Porto Das Letras**, Porto Nacional-TO, v. 8, n. 1, p. 208–223. Disponível em:

<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/12785>

. Acesso em: 10 mar. 2023.

SCHMIDT, Kai. "**Das Gerät zur Herstellung von Spaniern**". Der Tagesspiegel, 26 de outubro de 2014. Disponível em: <https://www.tagesspiegel.de/kultur/portugiesischer-roman-das-geraet-zur-herstellung-von-spaniern/10980238.html>. Acesso em 8 mar. 2023.

SILVA, José Mário. A Máquina de Fazer Espanhóis. **Expresso**, Local, 28 mai. 2010. Disponível em: <https://expresso.pt/cultura/2010-05-28-a-maquina-de-fazer-espanhois>. Acesso em: 27 fev. 2023.

SOUSA, Filipa Melo e LOPES, Ana Cristina. Romance de Valter Hugo Mãe. **Publico.pt**. Lisboa, 07 mar. 2014. Disponível em: <https://www.publico.pt/2014/03/07/culturaipilon/noticia/romance-de-valter-hugo-mae-1627487>. Acesso em: 03 mar. 2023.

SOUZA, Sueder. *A máquina de fazer espanhóis*: Representação niilista do mal-estar na civilização. **Revista Memento**, Três Corações-MG, v. 5, n. 1, p. 1-14, jan./jun. 2014. Disponível em: http://periodicos.unincor.br/index.php/memento/article/view/1209/pdf_25. Acesso em: 29 jul. 2023.

UMA ONDA de livros nos mares da língua portuguesa: Especial literatura lusófona, uma onda de livros nos mares da língua portuguesa. **Quatro cinco um**, São Paulo, 28 jun. 2022. Disponível em: <https://www.quatrocincoum.com.br/br/artigos/literatura-em-lingua-portuguesa/uma-onda-de-livros-nos-mares-da-lingua-portuguesa>. Acesso em: 8 mar. 2023.

UNIVERSITY OF MASSACHUSETTS LOWELL. Writer in Residence. Disponível em: <https://www.uml.edu/international-programs/portuguese/news-events/writer-in-residence/previous-writers.aspx>. Acesso em: 03 mar. 2023.